



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

MEMÓRIAS DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO
DISCURSO DOS MORADORES DE NITERÓI

RENATA AMARAL DE SÁ

RIO DE JANEIRO

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

**MEMÓRIAS DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO
DISCURSO DOS MORADORES DE NITERÓI**

RENATA AMARAL DE SÁ
ORIENTADORA: DIANA DE SOUZA PINTO

Dissertação apresentada ao Mestrado em Memória Social, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Memória Social.

RIO DE JANEIRO
2010

**MEMÓRIAS DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO
DISCURSO DOS MORADORES DE NITERÓI**

Autora: Renata Amaral de Sá

Dissertação de Mestrado apresentado em 21 de Novembro de 2010, à Banca Examinadora constituída pelos Professores:

Prof^a. Dr^a. Diana de Souza Pinto
(orientadora – UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu
(UNIRIO)

Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias
(UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Beatriz Pinto Venancio
(UFF)

RIO DE JANEIRO

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Diana de Souza Pinto , pelo olhar sempre atento e sensível, pela intervenção precisa, delicada e críticas e acolhimentos dosados.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, por tantas vivências fundamentais.

A assistente social Maria Carmen Alvarenga, coordenadora do Programa de extensão UFF-Espaço Avançado, pelo apoio, acolhimento e generosidade.

Aos queridos narradores, pela cumplicidade que permitiu o encontro e o conhecimento.

A todos os amigos, que souberam estar próximos e também respeitar meus momentos de recolhimento. Em especial, agradeço a Isabella Trindade, Patrícia Coelho e minha querida prima Myrna Catinin.

A minha amiga e professora da graduação em Serviço Social, Beatriz Venancio, minha eterna gratidão.

A minha família, por todo apoio e afeto. Em especial minha mãe, Aurélia, pela paciência, otimismo e amor; minha irmã Ana Paula, meu cunhado Fabrício e meu sobrinho Lucas, por nossas histórias de alegria, pela ajuda e incentivo.

Ao meu amado Daniel, pela partilha do tempo cotidiano, com amor, amizade e dedicação.

Ao meu Deus.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar a construção discursiva da memória social de um grupo de idosos moradores da cidade de Niterói-RJ sobre as transformações ocorridas na cidade examinando como se dão as relações entre espaço, memória e identidade (Pollak, 1989, 1992; Bosi, 1994, 2003; Mishler, 2002). Os dados da pesquisa são constituídos por narrativas inseridas em entrevistas de pesquisa grupais e individuais realizadas com os moradores da cidade e examinados sob a perspectiva da vertente da Sociolinguística Interacional para a análise do discurso, que visa ao exame do discurso como uma construção mútua entre falantes e ouvintes de uma interação face a face (Gumperz, 1982; Tannen & Wallat, [1987] 2002, Goffman, 2002). Os conceitos de pistas de contextualização (Gumperz, 2002), enquadre e alinhamento (Goffman, 1974) permitiram a análise da dinâmica das interações nas quais a memória (Halbwachs, 2006) é observada no processo de co-construção segundo o qual a(s) entrevistador(a)s e o(a)s entrevistado(a)s colaboram na construção conjunta de lembranças narrativizadas acerca da cidade, ao mesmo tempo em que projetam discursivamente múltiplas identidades. Observou-se, nos discursos dos participantes, deslizamentos entre alinhamentos de pertencimento e sentimento de perda com relação às lembranças relativas ao espaço, que evocam tensões entre as transformações ocorridas na cidade e as resistências às mesmas.

Palavras-chave: Memória – Cidade – Discurso – Moradores – Idosos

ABSTRACT

This research aims to investigate the discursive construction of social memory in a group of elderly residents in the city of Niteroi-RJ on the changes occurring in the city checking how the relationships among space, memory and identity are (Pollak, 1989, 1992; Bosi, 1994 , 2003; Mishler, 2002). The research data consist of narratives inserted in group or individual interviews conducted with dwellers of the city and examined from the perspective of Interactional Sociolinguistics for discourse analysis, which aims to check the speech as a mutual construction between speakers and listeners of a face to face interaction (Gumperz, 1982; Wallat & Tannen, [1987] 2002, Goffman, 2002). The concepts of contextualization cues (Gumperz, 2002), frame and alignment (Goffman, 1974) allowed the analysis of the dynamics of interactions in which the memory (Halbwachs, 2006) is observed in the co-construction process, according to which interviewer and interviewee collaborate with a joint construction of narrative memories about the city, while projecting multiple identities discursively. It was noted in the speeches of participants, slip between alignments of belonging and sense of loss concerning memories of space which evoke tensions between changes that took place in the city and the resistance to them.

Keywords: memory – city – speech – dwellers – elderly

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. OS VELHOS E SUAS MEMÓRIAS	11
1.1 COLETA DE DADOS.....	11
1.1.1 GRUPO FOCAL.....	11
1.1.2 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS.....	13
1.2 AS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE.....	14
1.2.1 VELHICE E ENVELHECIMENTO: UMA RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL OU SOCIAL?.....	16
1.3 A CONSTRUÇÃO COLETIVA E SOCIAL DA MEMÓRIA.....	18
1.3.1 MEMÓRIA SELETIVA E IDENTIDADE.....	21
1.3.2 A MEMÓRIA DOS ESPAÇOS.....	23
1.3.3 A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL.....	25
1.3.4 AS NARRATIVAS DOS IDOSOS.....	26
2. LEMBRANÇAS DA CIDADE	32
2.1 A CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS.....	32
2.1.1 A VALORIZAÇÃO DA CIDADE.....	33
2.1.2 LEMBRANÇAS DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS.....	38
2.1.3 A VALORIZAÇÃO DA TRADIÇÃO.....	41
2.1.4 PAPÉIS SOCIAIS E IDENTIDADES.....	45
2.1.5 O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO.....	49
3. MEMÓRIAS DA VIDA EM NITERÓI	53
3.1 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS.....	53
3.1.1 ENQUADRE ENTREVISTA.....	54
3.1.2 ENQUADRE CLÍNICO/TERAPÊUTICO.....	55
3.2 A CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS.....	56
3.2.1 MEMÓRIAS FAMILIARES.....	57
3.2.2 MEMÓRIAS PROFISSIONAIS.....	62
3.2.3 MEMÓRIAS NITEROIENSES.....	65

CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
BIBLIOGRAFIA	78
ANEXO	84

Siglas

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFFESPA – Programa de Extensão UFF – Espaço Avançado

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

PROPLAN – Pró-reitoria de Planejamento

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PROEX – Pró-reitoria de Extensão

GEAT - Grupos de Estudos e Trabalhos sobre Idosos e Envelhecimento

NEIEN - Núcleo de Estudos sobre o Idoso e o Envelhecimento

SSN – Serviço Social Noite

NUPESS - Núcleo de Estudos e de Pesquisas em Políticas Públicas, Poder Local e Serviço Social

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

SPA - Serviço de Psicologia Aplicada

HUAP – Hospital Universitário Antônio Pedro

SUS – Sistema Único de Saúde

SI – Sociolinguística Interacional

MAC – Museu de Arte contemporânea

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a memória social e as transformações na Cidade de Niterói-RJ. Apresentarei algumas das múltiplas dimensões que a memória abrange, destacando os conceitos de memória individual e coletiva do sociólogo Maurice Halbwachs (1990), a memória por tabela e a questão do esquecimento abordadas por Michel Pollak (1989 e 1992).

A idéia para a realização desta pesquisa surgiu no curso de graduação em Serviço Social, na época em que eu estagiava no Programa de Extensão UFF - Espaço Avançado, na Universidade Federal Fluminense.

O Programa de Extensão UFF - Espaço Avançado¹ (UFFESPA) existe há mais de 15 anos, na modalidade de projeto de extensão, pesquisa e ensino. O trabalho desenvolvido é patrocinado pelo Governo Federal, por intermédio da Universidade Federal Fluminense, como repasse de parte dos impostos arrecadados da população, o que explica a gratuidade dos serviços prestados aos seus usuários.

O referido projeto foi idealizado por uma assistente social da Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN) e, desde sua criação, é apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e esteve ligado a Grupos de Estudos e Trabalhos sobre Idosos e Envelhecimento (GEAT Idoso), em fase de passagem para o Núcleo de Estudos sobre o Idoso e o Envelhecimento (NEIEN).

A criação do projeto buscou responder à necessidade de construção de um trabalho social que contemplasse as questões do idoso, em particular os processos de exclusão social dos idosos de baixa renda e as especificidades do envelhecimento, mas durante meu período de estágio nessa instituição pude perceber que a maioria dos participantes não são de baixa renda, e os que são, geralmente, não participam integralmente do programa de modo que o valor de aposentadoria não permite que parem de trabalhar e por isso não dispõem de tempo para participação de muitas atividades do Espaço Avançado. Sendo assim, a população usuária é composta, em sua maioria, por aposentados da UFF e familiares; pessoas acima de 55 anos, moradoras de Niterói e adjacências.

¹ Algumas informações contidas neste tópico foram retiradas do projeto de extensão inicial, elaborado pelo professor Dr. Serafim Fortes Paz, e outras, nas atualizações posteriores, feitas pela assistente social Maria Carmen Alvarenga e pela professora Dra. Beatriz Pinto Venancio – que se encontram arquivados naquela instituição.

Atualmente estão inscritos cerca de 250 idosos no programa, participando de 15 oficinas permanentes e de eventos esporádicos.

Dentre as oficinas realizadas, tive a oportunidade de coordenar a Oficina de Memória, onde era trabalhada a memória social do grupo ali presente, através da contribuição dos participantes que narravam suas vivências e lembranças relacionadas a um determinado tema, que era proposto anualmente pelos próprios participantes da oficina.

Ainda na graduação, participei também de um grupo de pesquisa sobre memória e arquivos de memórias, coordenada pela professora Beatriz Pinto Venancio, em que tive acesso ao acervo deste arquivo, com histórias de vidas de alguns idosos frequentadores do Programa de Extensão UFF - Espaço Avançado e moradores da cidade de Niterói. Essas experiências me motivaram a realizar uma pesquisa que envolvesse histórias de vida e memória social. A princípio, ao transcrever as entrevistas orais do referido arquivo, percebi que existiam, nos relatos dos entrevistados, uma fonte riquíssima de pesquisa em memória social, principalmente no que se refere às transformações no cotidiano, tanto às relacionadas a comportamentos, tais como educação, hábitos e relações familiares, como também às transformações do espaço. Estas transformações do espaço, particularmente, despertaram em mim o desejo de fazer uma investigação das memórias sociais silenciadas sob os “escombros” e novos espaços construídos na cidade de Niterói, ou seja, as histórias e experiências vividas num local que visualmente não existe mais. Assim, realizei meu trabalho de conclusão de curso na graduação sobre esta temática e durante a produção desse trabalho brotou o desejo em aprofundar essa pesquisa e então ingressar no mestrado.

Niterói é um município do estado do Rio de Janeiro que possui 131.800 km² e 441.078 de habitantes de acordo com o censo 2010 (IBGE). É uma cidade que nos últimos 50 anos passou por inúmeras transformações, sofreu um considerável crescimento demográfico e econômico que ocasionou um brusco aumento da população, o que aparece frequentemente no discurso dos moradores da cidade que frequentam o Espaço Avançado.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, investigar a construção da memória social de um grupo de idosos moradores da cidade de Niterói e frequentadores do Programa de Extensão UFF - Espaço Avançado da Universidade Federal Fluminense no que se refere às transformações ocorridas nesta cidade. Além disto, pretendo analisar também de que forma ocorre o processo discursivo de construção da memória no que se refere à cidade e seus patrimônios, examinando como se dão as relações entre espaço, memória e identidade, destacando o papel da memória individual e coletiva. A questão que pretendo responder é:

como as transformações da cidade de Niterói são discursivizadas na construção da memória social deste grupo.

A partir da experiência prévia com o tema citado acima, considero este estudo de extrema relevância acadêmica. Trata-se da produção de conhecimento a partir de uma experiência como bolsista de extensão e estagiária do Espaço Avançado, da participação na pesquisa “Arquivo de Memória de Pessoas Comuns” e também da experiência como monitora da disciplina Oficina de Pesquisa no curso de graduação em Serviço Social da UFF que despertou em mim o interesse pela carreira acadêmica. Além disto, o tema em questão proporciona uma importante reflexão de como, a partir da análise das narrativas dos seus moradores, a construção da memória social de uma cidade pode colaborar para construção de sua história e identidade.

Desta forma, escolhi desenvolver este trabalho com base nas narrativas de idosos moradores de Niterói e participantes do Espaço Avançado em entrevistas de pesquisa. Ao trabalhar com as memórias de velhos², além de investigarmos a história de quem viveu mais tempo, contribuímos para a visibilidade de atores sociais que tiveram seus discursos historicamente silenciados e apenas recentemente vem alcançando maior destaque e atenção por parte das autoridades e da sociedade.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento as metodologias de pesquisa utilizadas, descrevo o corpus do trabalho e o arcabouço teórico-metodológico da sociolinguística interacional para a análise do discurso (Gumperz, 1992; Tannen & Wallat, 1987, Goffman, 1974) que visa ao exame do discurso como uma construção mútua entre falantes e ouvintes de uma interação face a face. Posteriormente, discuto o campo da memória social utilizando, sobretudo, as perspectivas de Maurice Halbwachs. Este autor caracteriza a memória como um fenômeno social e coletivo que, atualizada no presente, encontra-se em permanente construção. Em meio a tal abordagem, destacam-se também algumas importantes contribuições de trabalhos que se encontram em constante diálogo com a obra deste pensador, como por exemplo: *Memória, Esquecimento, Silêncio e Memória e Identidade Social* do historiador Michael Pollak (1989, 1992), *Memória e Sociedade* da psicóloga Eclea Bosi, dentre outros. Para trabalhar com narrativa, apresento, também nesse capítulo, os conceitos de narrativa e identidade adotados por Elliot Mishler (2002), e discuto a relação entre memória e espaço. Trabalharei aqui também a relação entre memória e processo de envelhecimento devido o público alvo de minha pesquisa tratar-se de idosos. No segundo

² Essa terminologia será discutida na seção 1.2.

capítulo apresento a análise dos dados referente à entrevista grupal, realizada com os participantes da Oficina de Memória do Programa de Extensão UFF - Espaço Avançado. No terceiro capítulo analiso as entrevistas individuais realizadas com Nelson e Miriam, que integraram a entrevista grupal. O último capítulo é destinado às considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO 1

OS VELHOS E SUAS MEMÓRIAS

Neste capítulo, primeiramente, explico o processo de escolha das metodologias desta pesquisa e posteriormente apresento o aporte teórico-metodológico utilizado para a realização da análise dos dados deste trabalho.

1.1 COLETA DE DADOS

Para atender aos objetivos deste trabalho, parto da investigação em torno da memória construída por moradores da cidade de Niterói através de duas fontes de pesquisa: a primeira, um grupo focal reunindo os idosos com os quais a Oficina de Memória do Espaço Avançado conta atualmente fazendo uma discussão em torno do tema “Niterói”. E, a segunda, as entrevistas individuais, realizadas posteriormente com dois participantes do grupo focal.

1.1.1 GRUPO FOCAL

Para elaborar minha metodologia de coleta de dados, parti da conceituação de entrevista grupal de Gaskell (2004). Um dos motivos pelos quais escolhi trabalhar com grupo focal deve-se às características centrais do mesmo abordadas por ele (p.76) que possibilita a minha investigação em torno da construção de memória dentro do grupo. As características centrais sintetizadas pelo autor são:

- 1- Uma sinergia emerge da interação social. Em outras palavras, o grupo é mais do que a soma de suas partes.
- 2- É possível observar o processo do grupo, a dinâmica da atitude e da mudança de opinião e a liderança de opinião.
- 3- Em um grupo pode existir um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois.

O autor afirma que um grupo focal tradicional deve compreender de seis a oito participantes que não se conheçam, mas como realizei o grupo com os participantes de uma mesma oficina (Oficina de Memória), alguns deles já se conheciam e possuíam até

mesmo um grau de familiaridade, por já participarem da Oficina de Memória há muitos anos. Contudo, Gaskell afirma também que “embora a entrevista tradicional com grupo focal empregue pessoas desconhecidas, esta não é uma pré-condição. Na verdade, há vezes em que a familiaridade anterior é uma vantagem” (ibidem, p.82).

Por tratar-se de um grupo focal, optei por não utilizar um questionário e sim um tópico guia que desse conta dos fins e objetivos desta pesquisa. Então planejei dar início ao grupo focal fazendo minha apresentação, alguns comentários introdutórios sobre a pesquisa e em seguida lançar o tema a ser discutido: Niterói.

Procurei, como moderadora, assumir uma postura de uma “observadora ingênua” como menciona Gaskell, e pedi instruções sobre diversos pontos da discussão. A partir disso foi possível perceber que alguns participantes reportavam-se a mim, e aos outros, como professores, principalmente o único homem do grupo, mas não só ele, até porque “na situação grupal, a partilha e o contraste de experiências constrói um quadro de interesses e preocupações comuns que, em parte experimentadas por todos, são raramente articulados por um único indivíduo”. (p.77). Porém, esta questão poderá ser melhor abordada quando formos analisar a quarta categoria na seção 2.1.4.

O grupo focal, gravado em áudio, foi realizado em Abril de 2009 por mim e pela professora Dra. Diana Pinto (orientadora deste trabalho) na Universidade Federal Fluminense, numa sala no quarto andar da Escola de Serviço Social. Os critérios para a seleção dos entrevistados foram: Ser morador de Niterói, ter mais de 60 anos e ser participante do Espaço Avançado. Dos dez idosos selecionados e convidados por telefone, compareceram seis, e a discussão teve aproximadamente 1 hora e 15 minutos de duração. Os participantes e as moderadoras sentaram-se num círculo, de tal modo que todos pudessem manter um contato visual com todo o grupo. Primeiramente as moderadoras apresentaram-se ao grupo e o assunto a ser abordado; em seguida pediu-se para que cada participante também se apresentasse dizendo seu nome, onde mora, há quanto tempo é morador de Niterói e, a partir de um tópico guia, a discussão se estabeleceu entre eles. O grupo focal foi gravado em áudio (em aparelho de MP3) e transcrito por mim e, a transcrição, encontra-se anexada (numero do anexo) a este trabalho. Dos seis participantes, cinco eram mulheres e um homem, o que representa a distribuição de gênero no Espaço Avançado, onde há um número muito maior de mulheres inscritas do que de homens. Sra. **Helen**³ é moradora do Bairro Itaipu, em Niterói, está há 20 anos na cidade, mas conhece Niterói desde criança, pois morava no Rio de Janeiro. Sra. **Dilma**

³ Os nomes dos entrevistados foram modificados a fim de manter suas identidades em sigilo, em acordo com os termos de consentimento assinados por todos os participantes.

também é carioca e mora hoje no Ingá em Niterói, já está na cidade há mais de 30 anos, é viúva e tem 2 filhos. Sra. **Leonor** é casada, tem 2 filhos, mora no Cubango e é moradora de Niterói desde a juventude, veio para cidade quando tinha entre 16 e 17 anos de idade. Sra. **Jussara** tem 80 anos, é viúva e tem 2 filhos, é do Rio de Janeiro, morou a vida toda lá, e há 4 anos mora em Niterói, em Icaraí. Sra. **Miriam** tem 64 anos, mora no centro da cidade e foi para Niterói ainda bem pequena, é casada e tem um casal de filhos. E, por fim, Sr. **Nelson** é morador de Icaraí e é nascido e criado na cidade, tem 82 anos, é casado há mais de 50 anos e também tem um casal de filhos.

1.1.2 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

O tipo de entrevista individual escolhido para esta pesquisa foi a entrevista narrativa (FLICK, 2004, p.110), realizada com dois idosos que participaram do Grupo Focal de 2009. As entrevistas foram realizadas na Universidade Federal Fluminense, em um espaço cedido pela Escola de Serviço Social, onde ocorre o Espaço Avançado. Foram gravadas em áudio contendo em média 1 hora de duração cada uma. A questão gerativa da narrativa, conforme descrita por Flick (2004), que norteará a entrevista será: “Eu quero que o Sr. (a) me conte sobre suas experiências enquanto habitante da cidade de Niterói”.

O roteiro de entrevista encontra-se anexado a este trabalho, e foi utilizado para responder questões que não foram abordadas no decorrer da narrativa, seja para retornar a algum fato contado pelo entrevistado que mereça um maior detalhamento ou mesmo para esclarecer pontos que, por ventura, não tenham ficado claros na fala do entrevistado.

As duas pessoas escolhidas para as entrevistas individuais foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios:

- 1- Ser brasileiro;
- 2- Ter mais de 60 anos de idade;
- 3- Ser morador de Niterói;
- 4- Ter nascido ou ter vindo para a cidade com até 18 anos de idade;
- 5- Ser freqüentador do Espaço Avançado;
- 6- Ter participado do grupo focal realizado em 2009.

Sendo assim, foram selecionados dois participantes para entrevista, que estavam de acordo com esse perfil: Sra. Mirian e Sr. Nelson.

No t3pico a seguir, devido ao fato de meus entrevistados serem todos idosos, busquei fazer uma reflex3o sobre a rela3o entre mem3ria e constru3o da identidade social, compreendida no processo de envelhecimento.

1.2 AS REPRESENTA33ES DA VELHICE

Uma das preocupa33es da antropologia e de diversas outras 3reas do conhecimento na atualidade consiste em compreender como a representa3o social da velhice e do envelhecimento vem se estabelecendo nas diversas camadas da sociedade e como os sujeitos definem-se como velhos.

Debert (2007) faz um estudo em torno da categoriza3o de idade e afirma que a velhice 3 uma categoria socialmente produzida. Segundo a autora, da perspectiva antropol3gica e hist3rica, “trata-se de ressaltar que as representa33es sobre a velhice, a posi3o social dos velhos e o tratamento que lhes 3 dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos hist3ricos, sociais e culturais distintos” (p.50). A autora mostra como a antropologia, apresentando sociedades e culturas distintas da nossa, rompe com a id3ia de que os costumes possam ser encarados como algo imut3vel e natural para afirmar que s3o fruto de uma constru3o social. Nesse trabalho a autora aponta as diferen3as na defini3o e no tratamento dos velhos, e outras etapas da vida, em sociedades e 3pocas distintas, mostrando que sempre houve e ainda h3 distin33es no tratamento dessas quest3es nas sociedades ocidentais e n3o-ocidentais.

“[o autor] Fortes parte da considera3o de que as idades cronol3gicas, baseadas num sistema de data3o, est3o ausentes da maioria das sociedades n3o-ocidentais. J3 nas sociedades ocidentais elas s3o um mecanismo b3sico de atribui3o de status (maioridade legal), de defini3o de pap3is ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formula3o de demandas sociais (direito 3 aposentadoria) etc”. (apud DEBERT, 2007, p.56).

Vemos, ent3o, que, nesse contexto, o envelhecimento f3sico provoca a classifica3o e separa3o de seres humanos, e dessa separa3o surgem as diferentes demandas sociais, pap3is ocupacionais e status. De acordo com Debert (1999), nas sociedades ocidentais contempor3neas, a velhice 3 apresentada como um problema social, e a preocupa3o da sociedade em torno desta quest3o deve-se ao aumento populacional de idosos, como tende a

sugerir a noção de “envelhecimento demográfico” utilizada por demógrafos, cientistas sociais e etc. Porém, para a autora,

“explicar essa questão unicamente por razões de ordem demográfica é abrir mão de descrever os processos por meio dos quais o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade no campo social, como por exemplo: ‘Como o envelhecimento físico ou a idade legal tornou-se mecanismos de classificação entre seres humanos? Quais conflitos são gerados na tentativa de criar uma representação homogeneizadora dessa população? Como grupos e forças sociais distintas reagem a essas iniciativas?’” (p.12).

De acordo com Ferreira (2007), “a velhice transpõe o estatuto de processo biológico para o de uma construção social atravessada no momento atual por uma ideologia da terceira idade que atua postulando uma nova dinamicidade para o envelhecimento e o ser velho” (p.208). Ou seja, a velhice deixa de ser encarada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais, como passou a ser tratada a partir da segunda metade do século XIX (DEBERT, 1999, p.14). O avanço da idade deixa, então, de ser considerado um período de perdas e de dependência e passa a ser encarado como um momento propício para novas conquistas e realizações pessoais.

Então, o termo velho, que há muito vem sendo associado a algo que não tem mais serventia e utilidade, vem sendo substituído, nos dias atuais, por idoso, ou ainda, “terceira idade”, e entre alguns até mesmo “melhor idade”, a fim de sugerir que uma pessoa de mais idade também pode fazer parte da população que trabalha, produz e consome, portanto, não deveria ser associada a um termo pejorativo que não corresponde a sua realidade.

Uma discussão aprofundada sobre os termos empregados para nomeação desta população foge ao escopo deste trabalho. Portanto, a mera apresentação das terminologias usadas na literatura neste trabalho objetiva apontar o surgimento de tais nomenclaturas como mais uma tentativa de classificação dos seres humanos e periodização da vida. No entanto, no decorrer desta pesquisa, utilizarei o termo *idoso*, para seguir a terminologia adotada pelo Estatuto do Idoso⁴ para se referir à pessoa com mais de 60 anos, idade mínima dos participantes desta pesquisa.

1.2.1 VELHICE E ENVELHECIMENTO: UMA RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL OU SOCIAL?

⁴ LEI 10.741 – Estatuto do Idoso.

No Brasil, o interesse do estado na criação de políticas públicas voltadas para a velhice e as especificidades do processo de envelhecimento só entraram em cena após a década de 60 e “como na França, certos documentos oficiais, bem como a grande maioria das análises sobre velhice, recuperam a noção idoso (*personne âgée*)” como vemos, por exemplo, na atual legislação brasileira. “Trocamos apenas as etiquetas. Doravante, a categoria idoso invade todos os domínios e o termo velho passa a ser sinônimo de decadência, sendo banido dos textos oficiais”. (PEIXOTO, 2007, p. 78).

Analisando o surgimento dessas novas terminologias para “velho” na sociedade francesa, Debert considera que:

“Os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, inverteram-se os signos da aposentadoria, que deixou de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade, lazer, realização pessoal. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas de proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada”. (2007, p.63).

Assim, vemos que este novo mecanismo de separação dos idosos, onde de um lado está a “terceira idade”, formada por pessoas ativas com idade um pouco avançada e do outro lado os “velhos” que são os idosos mais idosos que já não possuem mais sua independência, não é suficiente para dar conta da problemática social que envolve esta camada da população.

“No Brasil, numa estimativa modesta, teremos no ano 2025 uma população de 31,8 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (VERAS, 1995)⁵. Esse novo desenho demográfico deveria suscitar políticas e iniciativas que visassem à melhoria da qualidade de vida daqueles que já envelheceram ou estão envelhecendo. O que se vê, entretanto, é uma maioria de pessoas idosas ainda ser condenada ao isolamento social e cultural, pela perda de seus papéis familiares, aposentadoria e ausência de uma política que atenda as suas necessidades” (VENANCIO, 2006, p.144).

A partir da década de 80 surgem no Brasil os programas voltados para idosos, como “escolas abertas”, as “universidades para a terceira idade” e os “grupos de convivência para a terceira idade” (DEBERT, 1999, p. 15). O Programa de Extensão UFF Espaço Avançado, que abordamos nesta pesquisa, é também um exemplo deste tipo de instituição. Tais programas, “abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser

⁵ VERAS, Renato. *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UNATI/UERJ, 1995.

vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento” (DEBERT, 1999, p.15).

Outro ponto importante acerca das novas formas de *gestão da velhice* é o fato destas trazerem um risco de transformar a velhice numa responsabilidade individual. Os indivíduos são convencidos pela mídia e pela *cultura do consumidor* a assumir a responsabilidade pela sua própria aparência e saúde, através da idéia de doenças auto-infligidas, resultado de abusos corporais, como bebida, fumo e falta de atividade física. Além da insaciável busca pela *eterna juventude*, através da negação das imperfeições do corpo, que devem ser combatidas com a ajuda de cosméticos, ginástica, vitaminas e através da *industria do lazer*. (DEBERT, 1999, p. 20-21).

Essa nova representação da velhice encampada pela mídia não parece pronta para assumir o antigo status de *ancião sábio*, dificultando o enfrentamento dos estereótipos, antigos e novos. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais os idosos de nossa sociedade não estejam encontrando seus caminhos em um mundo em processo acelerado de mudanças e não se sintam equipados para dizer aos jovens como fazer as coisas, até porque sua sabedoria não seria mais socialmente valorizada como nas gerações anteriores.

Sendo assim, o fato de o idoso ter um saber adquirido com a experiência e com o tempo e não encontrar na atualidade uma escuta para suas lembranças e ensinamentos nos faz pensar que esta camada da população realmente vem perdendo seu lugar na sociedade, lugar este que pode ser, de certo modo, (re)ocupado quando trabalhamos com memória social. A Oficina de Memória do Espaço Avançado é um exemplo de como é possível a realização de um trabalho de reinserção social do idoso através da valorização de suas lembranças e experiências de vida. A idéia para a criação dessa oficina surgiu a partir da condução de outra oficina que havia anteriormente no programa, que era a *Oficina de Relacionamentos*. Maria Carmen Alvarenga, assistente social e coordenadora do projeto, observou que os participantes, mesmo após o término da oficina, permaneciam reunidos e começavam a falar sobre suas vidas, contavam suas lembranças e experiências e comentavam sobre a falta de espaço que tinham atualmente para fazer isso, pois, segundo eles, ninguém tinha paciência para ouvir aquelas “histórias de velhos”. A partir daí surge à idéia da criação da Oficina de Memória em 1997, que acontece semanalmente e conta com uma média de 20 participantes (ALVARENGA, in: VENANCIO E ALVARENGA, 2008).

Ecléa Bosi (1994) menciona a função social exercida pelo sujeito que lembra:

“Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”. (BOSI, p.603).

Ferreira mostra como trabalhar a memória nesta camada da sociedade pode contribuir para a valorização, inclusão social e construção da identidade desses sujeitos:

“Discutir o papel da memória no processo de envelhecimento significa, pois, abordar o lócus privilegiado de construção da identidade do ser velho e as estratégias de afirmação nos espaços sociais. Refletindo todo um universo de representações e significados, a memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, pela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida.” (2007, p. 208).

Entretanto, como nos diz Venancio (2008), “o estigma da *caduquice* pode estar presente tanto em quem não é capaz de reconstruir com precisão os fatos marcantes de suas vidas, quanto em quem fala do passado, considerando como indivíduo incapaz de viver o presente” (p.25). Isso, muitas vezes, pode ocasionar não o esquecimento, mas o silenciamento desses indivíduos que já não encontram mais espaço na sociedade.

Por isso, alinhando-me com a autora, acredito que esta pesquisa pretende contribuir para o avanço dessa reflexão, garantindo um espaço tanto de construção de memória como de identidade a esses sujeitos. Considero que, através da narrativa, os idosos podem colaborar nos processos de reconstrução de memória social, seja de uma cidade, como é o caso do presente estudo, ou em qualquer outra esfera da sociedade, como a família, a religião, o trabalho e a cultura. Ou, como nos mostra Delgado,

“Através da memória dos velhos, pode-se pensar algumas relações entre cultura, política e história no mundo contemporâneo. A memória recupera a inscrição da história por meio da linguagem simbólica que exprime, de forma particular, os dilemas da historicidade moderna”. (2007a, p.18).

No tópico a seguir discutiremos o campo da memória social utilizando, sobretudo, as perspectivas de Maurice Halbwachs, que trata a memória como um fenômeno social e coletivo que, atualizada no presente, encontra-se em permanente construção.

1.3 A CONSTRUÇÃO COLETIVA E SOCIAL DA MEMÓRIA

O estudo em torno da memória social requer, por parte do pesquisador, a noção das múltiplas dimensões que esta abrange, analisando o processo de construção e representação da mesma. Por isto, apresento agora algumas destas dimensões e destaco as

discussões propostas pelo sociólogo Maurice Halbwachs, por acreditar que são as mais adequadas para esta pesquisa.

Um dos fatores apresentados por alguns autores que estudam a memória é a falta de consenso na conceituação da mesma. Jô Gondar, por exemplo, explica que a memória não pode ser conceituada de uma única forma por conter uma multiplicidade de definições. Ou seja, a memória é algo que está em constante movimento e “os conceitos criados para pensá-la devem admitir e acompanhar sua mobilidade” (2005, p.11). A autora acrescenta, ainda, que o conceito de memória social é transdisciplinar, ou seja, que produz efeitos de transversalidade entre os diversos saberes supondo que é a partir do dissentimento que se faz a invenção e novas idéias podem ser geradas.

“A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas. (...) Como os problemas não param de surgir, no campo da memória social o conceito está sempre por ser criado: é um conceito em movimento”. (ibidem, 2005, p.15).

A memória é caracterizada como polissêmica, por conter múltiplas definições. Esta polissemia é considerada, pela autora, como uma baliza diante as tentativas de autoritarismo conceitual.

Entretanto, podemos dizer que a maioria das discussões em torno da memória, nos dias de hoje, envolvem as perspectivas fundadoras de Maurice Halbwachs, não por ter sido o primeiro a se preocupar com as questões relacionadas à memória, mas por ter sido o primeiro a considerá-la como um fenômeno coletivo e social.

Uma das questões centrais da discussão feita por Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças se constituem no interior de um grupo, em que as lembranças dos outros podem reorientar nossas lembranças. Com isso, o autor não quer negar a existência da memória individual, afinal, quem lembra é o indivíduo. E, por mais que este tenha participado de algo junto com outros indivíduos, a lembrança que cada um terá deste evento será particular e diferenciada uma da outra, uma vez que a construção da memória depende da forma com que cada um experencia tais eventos. Halbwachs também não quer dizer que necessariamente é preciso que mais de uma pessoa esteja presente para que algo seja lembrado. Pelo contrário, o autor diz que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”

(HALBWACHS, 2006, p. 31). Na realidade o que Halbwachs quer mostrar é que a memória individual existe, mas ela não está isolada, pois toma como referência pontos externos ao sujeito. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72), portanto, é um processo coletivo e social.

Sendo assim, o autor destaca que não há lembranças totalmente isoladas, soltas, pois mesmo que o indivíduo esteja sozinho sua lembrança só será construída a partir da relação com o meio social. Por isto, podemos dizer que “não nos lembramos da primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social” (ibidem, p.43).

Outra característica fundamental das abordagens de Halbwachs acerca da memória está na afirmação de que esta passa por “flutuações, transformações e mudanças constantes”. Pierre Nora, em sua obra “Entre memória e história: a problemática dos lugares” acrescenta:

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. (1993, p.9).

Halbwachs (1992) explica essa mobilidade da memória através do exemplo da releitura de um livro, quando um adulto relê um livro que leu durante sua infância e pode verificar como sua percepção mudou com o passar do tempo. Sua cultura, visão de mundo, e capacidade crítica de hoje diferem muito das que tinha na época da primeira leitura; deste modo, torna-se impossível reviver aquela sensação que ficou em sua lembrança, fazendo até mesmo com que pareça tratar-se de uma outra história ou um novo livro.

Assim também ocorre com a memória. Hoje, quando narramos fatos que ocorreram há muitos anos, toda a nossa experiência passada vem acompanhada de uma carga de experiências do presente, que interferem na nossa percepção e concepção de mundo, fazendo com que a cada “releitura” da nossa própria história sejam adicionadas novas versões e significados.

“Na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. (...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa

disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (BOSI, 1994, p.55).

Vemos, então, que não existe uma memória pronta, mas um processo de construção dessa memória no presente. As lembranças são, de certo modo, sempre incompletas, pois correspondem a uma multiplicidade de experiências vivenciadas pelos indivíduos e por grupos sociais que não são petrificadas no tempo, mas se encontram em constante movimento, estando abertas a lembranças que, além de sujeitas às influências externas do coletivo, estão também sujeitas ao esquecimento.

Halbwachs caracteriza o esquecimento como fruto do "desapego" ao grupo. Ou seja, se o grupo permanecer afastado nenhum de seus componentes poderá reproduzir todo o conteúdo dos acontecimentos. E acrescenta:

“Quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreveram poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança”. (2006, p.33).

Michael Pollak afirma que existem, nas lembranças das pessoas, silêncios e "não-ditos". E que no relato oral o esquecimento pode significar uma autoproteção do narrador, que muitas vezes, temendo a reação e interpretação do ouvinte diante de determinado fato, prefere omitir determinados acontecimentos através de “silêncios, alusões e metáforas” evitando exposição a mal-entendidos (1989, p.8). Isso pode ocorrer numa conversa entre duas pessoas ou mais, como, por exemplo, numa entrevista individual ou grupal. Nelas o entrevistado irá filtrar suas lembranças, ou melhor, sua exposição das lembranças, levando em conta aquilo que considera ser uma exposição desnecessária e até mesmo inadequada diante de pessoas desconhecidas, seja por insegurança, timidez ou por simplesmente tratar-se de uma lembrança da qual não gosta de falar e, por isso, prefere deixar “esquecida”.

1.3.1 MEMÓRIA SELETIVA E IDENTIDADE

Ao trabalharmos com memória social e análise do discurso na abordagem da Sociolinguística Interacional, que veremos na seção 1.4, é possível observar o papel da memória seletiva, que nas interações circunscreve que lembranças são expostas mostrando um caráter negociador da memória como nos mostra Halbwachs:

"Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum." (2006, p. 39).

Sobre isto Halbwachs explica que, quando inserido em um grupo, o indivíduo busca contribuir com as lembranças que o grupo conseguiu selecionar. Isso demonstra esse caráter seletivo da memória que, inclusive, permite à pessoa fazer um enquadramento de suas memórias ao expô-las a alguém. Esse enquadramento pode ser feito de maneira consciente pela pessoa que narra, ou não, pois de acordo com Halbwachs "cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e este ponto varia de acordo com o lugar social que é ocupado". (*apud*, BARROS, 1989, p.30).

Michel Pollak, em sua abordagem sobre memória e identidade, conclui que "os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são os acontecimentos vividos pessoalmente ou os acontecimentos vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer". (1992, p.202).

Além disso o autor acrescenta que "trata-se de um fenômeno que é produzido em referência aos outros, de acordo com os critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros". (1992, p.204).

Ou seja, para ele, a identidade, assim como a memória, é fruto do meio social que o indivíduo ocupa e, portanto, está sujeita à negociação. E, sobre este aspecto, Santos (1998) afirma que "o sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra". (p.2).

Ao explicar como a identidade é representada em narrativas pessoais⁶, Mishler aponta que, em tal tipo de narrativa, é preciso estar atento às funções psicológicas, culturais e sociais do modo como uma história é contada e às funções dos contextos específicos aí presentes. Sendo assim, o autor questiona:

"Como um narrador seleciona e organiza experiências e eventos de forma que contribuam coletivamente para o propósito pretendido da história – o porquê de a história estar sendo contada justamente dessa maneira, justamente nesse cenário – é a nossa questão central, e não uma questão lateral". (MISHLER, 2002, p.106).

Neste sentido, podemos pensar que "se a memória individual é essa fonte de coerência e identidade, ela é construída a partir de muitas interlocuções no presente,

⁶ Na seção 1.4.1 as narrativas pessoais serão abordadas com maior aprofundamento.

contribuindo para mostrar os lugares por onde o velho circula nesse tempo, de onde ele fala e o que suscita seu olhar retrospectivo”. (DELGADO, 2007b, p.232).

E é exatamente isso que buscarei analisar neste trabalho: a forma pela qual os idosos selecionaram suas lembranças, como construíram seus discursos, de que lugar eles falam, que identidades assumiram ao narrar suas estórias.

Faz-se necessário, então, considerar todos estes fatores ao trabalhar uma pesquisa neste âmbito, pois percebemos que as lembranças e a forma como os discursos são construídos, assim como as próprias cidades, estão sujeitas a constantes transformações.

Para refletirmos melhor sobre como a memória e o discurso são construídos articulados às transformações da cidade, veremos, no tópico a seguir, a relação entre memória e o espaço, considerando o espaço como locais físicos da cidade, espaços arquitetônicos ou paisagísticos que compõem a cidade.

1.3.2 A MEMÓRIA DOS ESPAÇOS

Com o passar dos anos, todo e qualquer território sofre modificações, seja pelos desgastes provenientes do tempo, ou por obras e novas construções. Nas cidades brasileiras, principalmente nos grandes centros, ocorrem muitas transformações. Muitos edifícios são levantados e muitas construções antigas não são preservadas. Mas será que as histórias destas cidades deixam de existir no mesmo ritmo em que suas construções antigas são demolidas? Talvez não, mas são cada vez mais silenciadas, uma vez que não se pode contar mais com suas existências físicas. Seria possível, então, reconstituir este invisível que a cidade abriga? “Revelar o escondido, eis o grande desafio. Expor o até então soterrado ao olhar dos habitantes, revelando outros espaços e tempos em um território já transformado por novas edificações e novos traçados.” (PESAVENTO, 2007, p.7). A autora Sandra Pesavento atinge exatamente o ponto que pretendo primeiramente investigar nesta pesquisa, o descobrimento de “lugares” e épocas que desconhecemos. Através das narrativas de pessoas que estiveram lá poderemos (re)criar esses tempos e espaços, com base nas lembranças de quem presenciou o antes e o depois dessa cidade. E, então, observar em que medida essas transformações contribuem para o processo de construção identitária desses moradores.

De acordo com Halbwachs a memória coletiva se apóia nas imagens espaciais. Sendo assim, para o autor,

“não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. (...) É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou

nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembrança reapareça”. (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Sendo assim, podemos dizer que as cidades são compostas por diversos espaços que nos remetem a lembranças, sejam relacionadas a atividades comuns do dia a dia ou a situações excepcionais. Alguns lugares podem nos parecer familiares por terem sido percorridos por nós ou por alguém que nos narrou algo ali vivenciado.

“Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela”. (POLLAK, 1992, p.203).

Podemos dizer que a memória relacionada ao espaço nem sempre é somente nossa, pois “podemos ter sido de alguma forma induzidos, educados e ensinados a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em processo de vivência do imaginário urbano coletivo” (PESAVENTO, 2007, p. 2). Icléia Thiesen, em seu trabalho sobre a zona portuária do Rio de Janeiro, em que realiza um trabalho de investigação da memória social daquela área com base nos relatos dos seus moradores, considera que:

“A memória que se transmite é uma leitura do passado e dos acontecimentos individuais e coletivos, um campo de possibilidades que varia à luz das lembranças alimentadas por circunstâncias do presente, nos quadros sociais onde se inserem. Inútil insistir na univocidade dos discursos. Apesar dos aspectos coletivos que se articulam na memória e na crônica da cidade, cada experiência é a própria expressão da diferença”. (COSTA, 2002, p.6).

Através da reconstrução da memória social de uma cidade, com base nas experiências vividas por atores sociais deixados à margem pela “história tradicional”, podemos fazer uma investigação em torno destas transformações e observar o que se oculta sob a superfície dos novos espaços. “É preciso desfolhar as camadas de uma cidade, descer aos subterrâneos do tempo, ver o que se oculta sob a superfície do espaço”. (PESAVENTO, 2007, p.12).

A partir das histórias de moradores de uma cidade, é possível (re)construir imagens sobre um espaço e época que não vivenciamos. E este é um dos objetivos deste trabalho, (re)construir memórias sociais sobre “lugares” que não estão hoje diante dos nossos olhos e, portanto, não estão a nossa disposição. E assim, poder investigar como esta memória é experimentada por esses narradores, uma vez que:

“A vida na cidade atual, marcada pela relação contraditória entre seus processos homogeneizadores e a reprodução das diversidades, é o contexto principal para a compreensão dessas falas em que os narradores expõem as buscas identitárias empreendidas em seus trajetos nesse espaço”. (DELGADO, 2007a, p.2)

Apresentarei, a seguir, o aporte teórico utilizado para realização da análise do discurso dos entrevistados contida no capítulo 2 deste trabalho.

1.4 A SOCIOLINGUISTICA INTERACIONAL

A análise dos dados desta pesquisa é feita com base nas perspectivas da análise do discurso da vertente inglesa estudada na linha de pesquisa Memória e Linguagem pertencente ao Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO. Assim, trataremos aqui da linguagem e do discurso através de uma perspectiva sociointeracionista que surgiu no âmbito da sociologia e se estendeu em outras áreas como a psicologia social. O sociointeracionismo parte do pressuposto que os significados são construções sociais, negociados conjuntamente na situação de interlocução. A abordagem da Sociolinguística Interacional (SI) visa ao exame do discurso como uma construção mútua entre falantes e ouvintes de uma interação face a face. (Gumperz, 1982; Tannen & Wallat, [1987] 2002, Goffman, 2002).

A principal preocupação da análise do discurso na abordagem da SI é examinar como interpretamos uns aos outros, como preenchemos os vazios daquilo que não é explicitado e como podemos nos entender mutuamente e comunicar o que realmente desejamos se a língua é tão sujeita a constantes modificações e sutilezas.

Podemos dizer que, durante a interação, o indivíduo se reposiciona permanentemente, criando e recriando o tempo todo diferentes enquadres à medida que novos alinhamentos são exigidos na interação.

O conceito de enquadre utilizado aqui é o abordado por Goffman (2002) que consiste na interpretação do que está acontecendo no momento da fala. Para o autor, um dos elementos que permite tal interpretação do enquadre em vigência numa interação é o chamado Footing⁷, ou alinhamento, que é a definição do posicionamento ou projeção pessoal do falante (2002, p.113). Esse posicionamento pode ser referente também aos aspectos físicos da interação, ou seja, postura corporal, expressões faciais e etc, mas para esta pesquisa, em que

⁷ Uma primeira referência aparece em GOFFMAN, E. Frame analysis. New York, Harper and Row, 1974, p. 496-559.

trabalhamos com narrativas gravadas em áudio, trataremos dos alinhamentos expressos na fala, através do que o sujeito diz e como diz.

Podemos interpretar o que está ocorrendo no curso da interação através das pistas de contextualização que, de acordo com Gumperz ([1982] 2002), são os traços existentes nas mensagens através dos quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam o seu conteúdo. Por isto, aspectos da fala que às vezes passam despercebidos ao ouvinte comum, tais como pausas, hesitações e a escolha do vocabulário empregado, são fundamentais para a análise de narrativas nesta abordagem.

1.4.1 AS NARRATIVAS DOS IDOSOS

Escolhi trabalhar com narrativas por permitirem abordar o mundo experimental do indivíduo de maneira mais abrangente (FLICK, 2004, p. 109), levando em consideração que o fio condutor desta pesquisa é a (re)construção da memória de um determinado grupo de pessoas, um trabalho de (re)construção por meio da linguagem – elemento socializador do homem e suas lembranças. “Traduzida em linguagem, a lembrança vem ao presente retrabalhando, ressemantizando o passado evocado” (FERREIRA & AMADO, 1998, P. 209).

Para Barthes (1975) “a narrativa está presente em todas as épocas, todos os lugares em todas as sociedades, numa infinita variedade de formas – mitos, fábulas, contos, épicos, tragédias, comédias pinturas, filmes, notícias de jornal e conversação” (*apud* COULTHARD, 1995, p.51). Todas as narrativas, apesar de endereçadas a audiências diferentes e em tempos diversos, compartilham características organizacionais que as aglomeram em um só tipo discursivo. Veremos algumas dessas características com maiores detalhes na apresentação dos estudos do sociolinguísta americano William Labov adiante.

Existem muitas formas de conceituar e trabalhar com narrativa (RIESSMAN, 2008). Como vimos, a mesma não está presente apenas em textos e tantos outros documentos redigidos no dia a dia das instituições, mas aparece principalmente na oralidade, seja numa entrevista ou em conversas informais do cotidiano. Em “O Narrador”, Walter Benjamin mostra como a arte de narrar vem sendo substituída pela arte da informação. Nesse contexto indica que um dos motivos pelo qual a narrativa vem se perdendo está ligado, principalmente, ao fato de que a escuta não é mais a mesma. Segundo ele, o trabalho manual, “a arte de tecer” que havia antigamente, permitia ao ouvinte um maior poder de concentração e conservação das

estórias e acrescenta que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. (BENJAMIN, 1994, p.205).

Ecléa Bosi, em seu artigo “Memórias da cidade: lembranças paulistanas”, também destaca a não conservação das estórias na atualidade, o que, para a autora, compromete em muito a reconstrução de nossa história mais recente. A autora diz que,

“O meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das *testemunhas* se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco *testemunho* do passado”. (BOSI, 2003).

Sobre esse aspecto é importante destacar que Bosi trabalha aqui com uma grande metrópole que é a cidade de São Paulo, portanto, não podemos generalizar essa questão da “não conservação das histórias”, uma vez que em muitas cidades interioranas as pessoas conservam ainda hoje o hábito de se visitar e até mesmo contar estórias.

Devido a este afastamento ocasionado pelo meio urbano nos grandes centros, vemos que outras estratégias de narrativas vêm sendo adotadas na atualidade, como, por exemplo, podemos observar nos sites de relacionamentos, nos blogs e programas de conversação simultânea, nos quais as pessoas interagem e contam suas experiências uma para as outras.

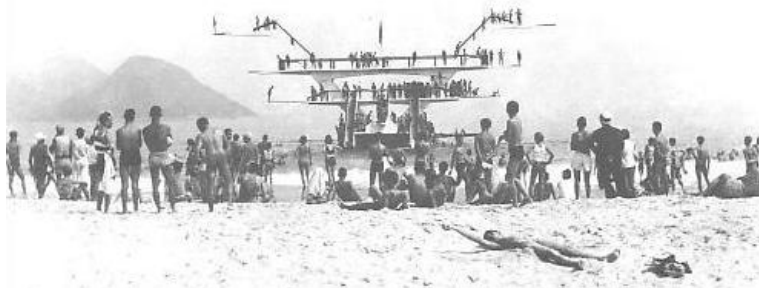
Neste trabalho utilizaremos, mais especificamente, a narrativa sob a perspectiva da sociolinguística interacional, apresentada na seção anterior. Os estudos de Labov e Waletzky (1967, 1972) foram pioneiros na Linguística, no trato da narrativa, a partir de uma visão estruturalista. “Para estes autores o que faz uma recapitulação de experiências ser uma narrativa é o fato de esta remeter a um acontecimento específico, ser estruturada numa seqüência temporal, ter um ponto e ser contável” (BASTOS, 2005, p.75). Os autores estabeleceram partes constitutivas da narrativa que são frequentemente utilizadas para o exame de narrativas em função de seu alto poder analítico: resumo, ação complicadora, resolução e avaliação. Nos parágrafos seguintes, utilizarei segmentos do grupo focal realizado por mim em 27 de abril de 2009, com 6 participantes da Oficina de Memória do Programa de Extensão UFF Espaço Avançado para ilustrar as partes da narrativa segundo Labov. Destaco que serão usados a partir de agora pseudônimos para manter a confidencialidade da identidade dos entrevistados, conforme estabelecido pelo Comitê de Ética da UNIRIO, ao qual este projeto foi submetido, com base na Lei 196/1996.

O ponto de uma narrativa é a sua razão de ser, ou seja, o motivo pelo qual deve ser contada. Ser contável significa fazer referência a algo extraordinário, interessante, algo que desperte nos ouvintes a vontade de ouvir a estória, como podemos observar no segmento abaixo:

Você não mexe numa tradição de duma família, você mexe no comércio que o comércio é que te agride, não na tradição de uma família.(Miriam, Grupo Focal 2009).

Embora não seja obrigatório nesse tipo de estrutura narrativa, é muito comum que as estórias comecem com enunciados que a sumarizem, o que é denominado resumo. Posteriormente segue-se uma seção de orientação que consiste na contextualização do evento a ser contado indicando tempo, lugar, pessoas e circunstâncias . Ao falar de sua infância, Miriam nos narra a seguinte passagem:

*Foi mais ou menos, 58, 59, 60, era bem estreita a praia. E a gente gostava de levar **minha irmã a tarde** ficar ali sentada olhando os rapazes **no trampolim**, o trampolim tinha 3 andares, era assim todo de cimento armado e parecia assim um pássaro de asas abertas, era muito bonito.*



Trampolim de Icaraí – 1941. Autor: Manuel Fonseca

De acordo com Labov (apud BASTOS, 2005), uma estória é a seqüência de enunciados temporalmente ordenados que remetem a eventos passados. Esta ordenação é chamada pelo autor de ação complicadora e trata-se de um elemento obrigatório para que tal estória seja considerada uma narrativa. Exemplo:

*“Meu marido mesmo **pulava** sempre do terceiro andar que ele **gostava** muito de se exhibir, entendeu? E aos poucos **de tanto pular, de tanto pular, e não havia conservação, os pedaços do trampolim foi começando a cair cair cair, aquelas coisas todos...**”*

Bastos acrescenta ainda que há, em algumas narrativas, uma parte de finalização dos eventos das ações complicadoras que se denomina resolução. Esta etapa

caracteriza-se pela pergunta “E finalmente, o que aconteceu?”, como uma forma de dar um fechamento a estória. Continua Miriam:

“(…) e o que que acontece, quando ele [o trampolim] começou a cair começaram, mandaram implodir, tiraram ele de lá [Praia de Icará] entendeu?”.

Para Bastos (2005), o mais complexo e fascinante elemento da estrutura narrativa identificado por Labov é a avaliação, que contem informação sobre a carga dramática ou o clima emocional da narrativa e que é usada para identificar o seu ponto, ou, sua razão de ser. Através desta avaliação é que se torna possível identificar aspectos da identidade na narrativa. Como podemos notar na seguinte fala da Miriam:

*“Quando a gente saía da escola, a gente adorava ver os meninos **do Brasil**, mas a gente não podia pegar o ônibus deles porque a gente vinha no ônibus do colégio e o que que acontece, tinha a o Fonseca, tinha várias **casas de gente tradicional**, tanto é que o **clube dos Marajoara**, que fizeram o clube, era dessa família dos carreteiros, que era das barcas, dono das barcas, era a família dos carreteiros, uma **família muito tradicional**, uma **família muito rica**, e as meninas estudavam junto comigo **no Mercês**”.*

As narrativas não são consideradas representações fiéis e intactas de experiências passadas, mas sim uma recontagem de eventos feita de forma selecionada e contextualizada de acordo com um filtro de nossas emoções, transformando e recriando nossas experiências. Tais filtros críticos e afetivos pelo qual criamos as estórias que contamos estão vinculados aos nossos valores, crenças, cultura e história. Desta forma, podemos entender tais narrativas como uma construção social do narrador em um dado momento para um determinado interlocutor, o que caracteriza a abordagem interacional para os estudos da narrativa.

De acordo com Bastos, apoiada em Schiffrin (1996), as narrativas revelam-se um locus especialmente propício à construção de identidades. Para a autora, “ao contar estórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores; ou seja, ao contar estórias, estamos construindo identidade” (2005, p.81).

Ao contar sua estória, o narrador fala sobre como se tornou quem é, destacando e/ou silenciando traços que julga ser relevantes para os ouvintes em dada situação comunicativa. Segundo Bastos, Charlote Linde (1993) ao estudar as estórias de vida, ou narrativas de experiência pessoal sobre escolhas profissionais, conclui que a estória de vida de cada pessoa é um conjunto dessas estórias, que se relacionam coerentemente entre si. Esse conjunto vai dinamicamente se alterando no curso da vida das pessoas, não apenas no sentido

de que as histórias vão se transformando a cada situação de narração, como também no sentido de que novas histórias vão sendo acrescentadas e outras esquecidas. As histórias de vida estão, assim, em constante revisão e reinterpretação (BASTOS, 2005, p. 81-82). A autora acrescenta ainda que “a cada recontagem, ou a cada performance narrativa, há necessariamente, adaptações ao contexto e aos ouvintes”.

Deste modo, podemos dizer que o “ato de contar histórias é uma performance através da qual construímos quem somos e nossas relações com os outros. É através da narrativa também que mostramos nosso envolvimento e pertencimento a diferentes grupos sociais e categorias sociais” (p.83). Por isto, neste trabalho, ao analisar as narrativas dos moradores da cidade de Niterói, é preciso estar atento não só ao que é contado/lembrado, mas de que forma isto acontece. Como as transformações da cidade são discursivizadas pelos moradores dentro do grupo? Que relação estabelecem uns com os outros? Como selecionam/enquadram suas memórias? E que identidades assumem? Afinal, como já vimos, as pessoas constroem seus discursos a partir da relação com os outros e existem diferenças e desvios na construção de suas histórias dentro e fora do grupo. “O passado não está gravado em pedra, e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas correntes e em curso”. (MISHLER, 2002, p.105).

Elliot Mishler, em seu artigo “Memória e Identidade: a mão dupla do tempo” trabalha as implicações de um modelo descritivo de tempo do relógio/cronológico ou experiencial/narrativo, que ele adota, para a teoria e a pesquisa sobre narrativas pessoais e a construção de identidade. Para demonstrar o contraste existente entre essas perspectivas, o autor cita um trecho do trabalho de Labov e Waletzky sobre narrativas de experiência pessoal (1967).

“A narrativa será considerada como uma técnica verbal para recapitular a experiência, em especial uma técnica para construir unidades narrativas que correspondem à seqüência temporal daquela experiência”. (*apud* MISHLER, 2002, p.99).

Nesse artigo Mishler explica que “embora seja um critério necessário, a ordem temporal não é suficiente, especialmente se quisermos fazer uma distinção maior entre seqüências de eventos que são meramente listas e seqüências que são histórias”. Sendo assim, para ele “uma narrativa deve ser mais do que uma coisa depois da outra” (p.98).

Mishler apresenta uma importante característica do trabalho de Ricoeur em torno da narrativa: o fato deste pesquisador considerar que o final de uma história tem a função

primordial no processo de construção da mesma, pois uma narrativa é governada como um todo pela forma como termina. (p.101). Como ocorre quando, por exemplo,

“o contador de histórias principal da mesa de jantar tem em vista um final – senão, por que iniciar a história? – mas precisa negociar seu caminho por meio das perguntas e dos comentários dos outros falantes, que podem levar a uma reespecificação do final pretendido, o que, sem dúvida, pode mudar o significado da história”. (Ibidem, p.114).

As análises realizadas por alguns pesquisadores sobre como as histórias são contadas apontam para a maneira como elas são produzidas e moldadas por meio do processo interativo. “A história passa a ser um produto conjunto, no qual o curso da narrativa pode ser interrompido e o relato, contestado, a ordem temporal pode ser violada por digressões e flash-backs, e o final pode ser incerto e ambíguo”. (MISHLER, 2002, p.114).

Podemos concluir, então, que “nós nos movemos para trás e para frente, entre nossos entendimentos do todo e de suas partes, engajando-nos em uma reciclagem repetitiva de movimentos interpretativos em direção a um entendimento mais profundo e abrangente de uma história e de como ela é encaixada”. (Ibidem, p.116).

Com base nas discussões feitas neste capítulo e com as narrativas dos entrevistados, que veremos no capítulo 2, pretendo responder a questão desta pesquisa “Como as transformações da cidade de Niterói são discursivizadas na construção da memória social deste grupo?”

CAPÍTULO 2

LEMBRANÇAS DA CIDADE

Neste capítulo inicio a análise dos dados da pesquisa, mais especificamente o grupo focal, e investigo de que maneira as transformações da cidade de Niterói são discursivizadas na construção de memória de um determinado grupo de pessoas idosas moradoras da cidade e frequentadores da Oficina de Memória do Espaço Avançado.

2.1 CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Após a transcrição dos dados coletados, realizada por mim, demos início às análises a partir de cinco categorias que criamos considerando a forma como as lembranças sobre a cidade de Niterói foram trazidas pelo grupo focal. Primeiramente, fizemos a leitura de toda a transcrição do grupo focal e identificamos temáticas abordadas durante a discussão, tais como: a valorização da cidade, tanto do passado como da atualidade; família; relações pessoais; política; transformações da cidade; entre outras. Após identificar as temáticas e observar a dinâmica das falas entre os participantes estabelecemos várias micro-categorias de análise e chegamos a 5 macro-categorias. A primeira categoria é “*a valorização da cidade de Niterói*” que pode ser identificada na maioria das narrativas dos participantes nas quais a descrição da cidade de antigamente aparece repleta de adjetivos que destacam as qualidades e os aspectos positivos da cidade no passado e comparações com a Niterói transformada de hoje, demonstrando preferência pela cidade do passado. A segunda categoria está relacionada ao modo como as lembranças são discursivizadas por cada um dentro do grupo, de acordo com suas experiências pessoais, e por isso as nomeei de “*lembranças de caráter pessoal*”. A terceira categoria é “*a valorização da tradição*” devido a este termo, “tradição”, ter sido introduzido por uma determinada idosa, Miriam, ao referir-se às famílias e espaços da cidade e ratificados pelos demais participantes. A quarta categoria é a “*papéis sociais e identidades*” que se refere, sobretudo, à dinâmica interacional instaurada no grupo focal entre o único homem, e mais velho idoso ali presente, e as demais participantes. E, finalmente, a quinta e última categoria de análise, “*o sentimento de pertencimento*” observado em praticamente todos os participantes, principalmente em resposta a pergunta feita por uma das mediadoras, Diana, sobre se sairiam ou não de Niterói hoje.

Como o objetivo de pesquisa é investigar a construção da memória social de um grupo de idosos moradores da cidade de Niterói no que se refere às transformações

ocorridas nesta cidade, iremos, no tópico a seguir, analisar as narrativas por eles construídas no grupo focal realizado em abril de 2009. Nossa proposta aqui é mostrar de que forma as transformações da cidade de Niterói são discursivizadas na construção da memória social deste grupo.

2.1.1 A VALORIZAÇÃO DA CIDADE

No grupo focal, nas narrativas dos participantes, identificamos algo em comum no discurso dos idosos, a valorização da cidade de Niterói (principalmente no passado), ou seja, a descrição da cidade de antigamente repleta de adjetivos que destacam as qualidades e os aspectos positivos da cidade, e comparações com a Niterói transformada de hoje. No trecho a seguir, por exemplo, retirado da fala de Nelson, podemos perceber esta valorização da Niterói do passado, marcada, principalmente, pela utilização sistemática dos verbos no pretérito, uma das pistas de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2002) que sinalizam para o interlocutor como interpretar a mensagem, enquadrando a estória no tempo passado.

Nelson: “Eu sou do tempo em que Niterói **era** capital do estado, **sofreu** muitas transformações, mas eu **era** do tempo da capital. E tudo que tem aqui modificado agora...O progresso que **trouxe** pra gente a ponte, para Niterói foi um prejuízo tremendo né. (...) Niterói **deixou** de ser aquela cidade pacata, calma...tudo que **tinha** de ruim do lado da vista linda **veio** para Niterói. **Modificou** completamente aqui. Agora Niterói **era** formidável para se morar, em tudo, em tudo, por tudo. **Tinha** vários clubes, **existiam** vários clubes, hoje praticamente todos eles faliram, **tinham** cinemas, **tinham** ótimos cinemas, não temos mais nenhum, a não ser em shopping agora”. (SEGMENTO 1)



Montagem do vão central da Ponte Rio - Niterói. Foto de 1974⁸.

De acordo com dados da história oficial de Niterói, a construção da ponte foi o sinal para o redirecionamento de investimentos públicos, da especulação imobiliária, da infra-estrutura e ocupação de bairros da Região Oceânica. Niterói passou a ser considerada

⁸ Foto disponível em: <http://picasaweb.google.com/lh/photo/YSNrBLjkr3efyyQGDryYsOA>

“cidade dormitório” e somente no fim da década de 80 redescobre sua vocação cultural e começa a recuperar sua auto-estima (CDP, 2009, p.6).

Cabe observar como o aspecto relacional (Niterói/Rio de Janeiro) presente na fala de Nelson – encontrado também ao longo do grupo focal na fala de outros participantes – é importante na construção discursiva da memória coletiva sobre a cidade. Esta relação está presente na história oficial de Niterói, em vários momentos, principalmente com relação à disputa pela condição de capital do estado. De acordo com registros históricos, a emancipação política da região, que hoje é a cidade de Niterói, deu-se com a criação da Vila Real da Praia Grande em maio de 1819. Naquele momento a região passou a ter vida política-administrativa independente da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e até então era ligada à Portugal (CDP, 2009, p.3). Após 1822, quando o Brasil torna-se independente de Portugal, foi promulgado o Ato Adicional à Constituição de 1824, determinando, entre outras coisas, que a regência seria, a partir dali, uma e que a cidade do Rio de Janeiro, capital do império, seria considerada Município neutro, separada, portanto, da Província do Rio de Janeiro. A Vila da Praia Grande (Niterói) foi decretada em 26 de março de 1835 a nova capital da Província, sendo automaticamente elevada à condição de cidade e passando a ser chamada de Nictheroy⁹ (ibidem, p.4). Na década de 70 o novo estado do Rio de Janeiro passa a ter como capital a cidade do Rio de Janeiro, e Niterói perde, de vez, a condição de capital e ingressa, oficialmente, na região metropolitana do estado.(ibidem, p.6).

Ao enfatizar que *é do tempo em que Niterói era capital do estado*, Nelson parece orgulhar-se deste período histórico. Por outro lado, ele demonstra insatisfação com as transformações ocorridas na cidade, principalmente ao utilizar a palavra “prejuízo” (“foi um prejuízo tremendo”), associando estas transformações à construção da ponte Rio-Niterói. Para ele, antes da ponte, Niterói era uma cidade calma, pacata, (*“Niterói era formidável para se morar”*). Ele deixa claro que, em sua opinião a ponte foi um progresso sim, mas para Niterói trouxe mais malefícios do que benefícios, pois *“tudo que tinha de ruim do lado da vista linda veio para Niterói”*. Sublinhe-se a forma como o entrevistado refere-se à cidade do Rio de Janeiro “o lado da vista linda, apropriando-se de uma expressão popular freqüentemente empregada pelos habitantes de ambos os municípios para destacar, por um lado, as belezas naturais da cidade maravilhosa e , por outro, a inferioridade de Niterói neste quesito.

⁹ Algumas traduções do tupi-guarani indicam que Nictheroy significa “água escondida”.

Cada participante, de sua maneira, demonstra essa valorização da cidade no passado, seja com relação aos seus patrimônios, seja pela valorização dos costumes e hábitos dos moradores daquele tempo que, segundo eles, já não são mais observados na atualidade. Nos próximos segmentos, Miriam, primeiramente, descreve como eram os divertimentos na cidade antigamente e, mais adiante, faz uma crítica ao progresso, dizendo que este impossibilitou a permanência dos antigos hábitos.

Miriam: “(...) o nosso divertimento era assim, era cinema, entendeu? Tinha o cinema **Cine São Bento**¹⁰, e tinha o **Cine Icaraí**¹¹ que até hoje tem uma briga que uns querem fazer coisa imobiliária e o povo de Icaraí quer conservar aquele cinema que era **tradicional**... as meninas todas iam pra ali assistir. Imitação da Vila foi um filme maravilhoso, entendeu? Suplício de uma Saudade, E o vento levou, então **só passava aqueles filmes clássicos que era do Severiano Ribeiro**, que pertencia o coisa de filmagem ali no Icaraí. E tinha o **São Bento**, entendeu, tinha o Cine São Bento, também era muito bom, mas o São Bento por ser mais distante, e tinha aquele jardim todo que era o **campo de São Bento** que até esse ano ele foi, como é que se diz, ele está fazendo 100 anos, nesse ano de 2009, inclusive aquele, tem um coreto que foi considerado o coreto romântico pelo, que eu anotei aqui¹², o coreto foi considerado pelo patrimônio cultural, depois você vai ver você vai saber”. (SEGMENTO 2)

Miriam: “(...) Eu acho que, por exemplo, os cinemas de Icaraí todos fechou, **você não tem mais cinema em bairro pra se distrair**. Se você quer um cinema você tem que enfrentar uma fila no **Plazza**,¹³ entendeu.” (SEGMENTO 3)

Miriam alinha-se como alguém que na juventude freqüentava lugares direcionados a um público de maior poder aquisitivo. Tal aspecto pode ser identificado através das pistas de contextualização empregadas por ela como, por exemplo, a palavra “tradicional”, usada para enfatizar que o cinema “Cine Icaraí” era muito freqüentado nesse bairro e que, inclusive, “só passava aqueles filmes clássicos que era do Severiano Ribeiro”. Tal abordagem será discutida com maior atenção ao analisarmos a terceira categoria, na seção 2.1.3.

Na interação estabelecida no grupo, observamos que há um deslizamento entre passado e presente nesta valorização da cidade, a exemplo, da próxima fala do Sr. Nelson em que ele próprio traz uma visão do senso comum de Niterói daquele tempo, para, em seguida, contrapor-se a ela:

¹⁰ Cinema localizado na época no Campo de São Bento, na Rua Gavião Peixoto em Icaraí.

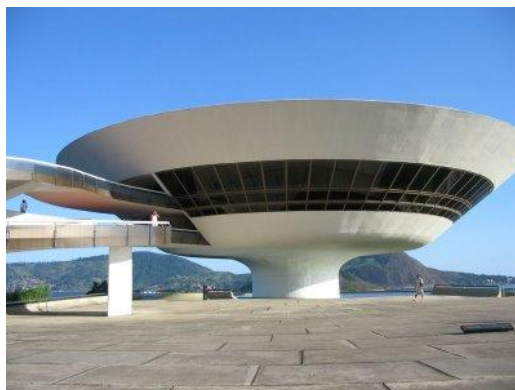
¹¹ Cinema localizado em frente à Praia de Icaraí que teve seu prédio tombado como patrimônio histórico do Estado do Rio de Janeiro (Projeto de Lei Nº 583/2007 do Deputado Marcelo Freixo), mas mesmo assim foi fechado.

¹² Miriam se preparou para o grupo focal, levou um texto de 8 páginas, escrito por ela, sobre suas lembranças da cidade de Niterói e me entregou após o término do grupo focal.

¹³ Shopping Center localizado na Rua XV de Novembro no centro de Niterói em frente à Estação das Barcas.

Nelson: “Eu sempre adorei Niterói, não troco nem... **antigamente eles diziam** que Niterói era dormitório do Rio né, e que a vista mais bonita que tinha aqui em Niterói é quando olhava pro Rio. **Mas eles estão enganados**, Niterói é tão bonito, ou até, em alguns lugares até mais bonito. Por isso eles copiam até nosso museu aqui”. (SEGMENTO 4)

Em sua fala Nelson desconstrói esse estereótipo (Niterói dormitório do Rio) através da afirmação de que “Niterói é tão bonito, ou até, em alguns lugares até mais bonito” do que o Rio de Janeiro. E acrescenta: “Por isso eles **copiam** até nosso museu aqui”. Ele não apenas valoriza a Niterói do passado, pois utiliza verbos no presente que demonstram uma valorização da cidade hoje. Preconiza que hoje a cidade serve inclusive de modelo (“eles copiam”) no que diz respeito ao orgulho da cidade de ter o MAC - Museu de Arte Contemporânea, que se trata de uma criação do renomado arquiteto Oscar Niemeyer.



Museu de Arte Contemporânea de Niterói

O início de sua fala “eu sempre adorei Niterói” sugere que ele adorava esta cidade antigamente, sentimento que perdura mesmo com toda transformação que sofreu. Os verbos no presente destacados acima mostram a valorização da cidade no presente, principalmente se comparada ao Rio de Janeiro.

Nas falas a seguir fica ainda mais evidente este deslizamento (passado-presente) na valorização da cidade. Ao mesmo tempo em que os participantes do grupo criticam todo o progresso e as conseqüências deste para Niterói, também o defendem, mostrando o reconhecimento que a cidade tem alcançado na sociedade em geral como um bom lugar para se viver, o que, de acordo com eles, justifica o recente crescimento populacional de Niterói.

Leonor: O povo tá vindo muito pra Niterói. É muita propaganda ela é a quarta cidade em melhor coisa de clima, de vida, qualidade, então..

Miriam: as favelas são menores, você vê aquela favela o estádio é pequenininha ali na ponte Rio-Niterói...

Diana: A Helen tá querendo falar e eu quero ouvir um pouco.

Helen: em termos de qualidade de vida Niterói **já foi** considerada uma das melhores cidades do Brasil...

Leonor: A quarta cidade.

Helen: agora essa vinda atrás dessa qualidade de vida, trouxe muitas conseqüências, eu vou falar de Itaipu. Eu conheci Itaipu **tinha** uma via só, **era** um mercado só, Império da Banha, uma padaria, então transporte só **tinha** aqui pra Niterói e passando de hora em hora, não tinha pro Rio, nada disso, era quase uma vida de... tanto é que **hoje** ainda conserva essa coisa de todo mundo se conhece, **só que deixaram construir as favelas, que não existia favela, não existia mesmo nenhuma, tinham moradores pobres, claro, mas não tinha favela, deixaram, hoje em dia você tem vários redutos dentro de Itaipu, e Piratininga, e Camboinhas...que são, já está trazendo a violência.** (SEGMENTO 5)

Neste segmento, Leonor traz a informação de que as pessoas têm vindo para Niterói e utiliza um dado estatístico para legitimar sua afirmativa, dizendo que Niterói “é a quarta cidade”, seguido por uma lista de aspectos positivos para justificar esta vinda das pessoas para a cidade: “(...) em melhor coisa de clima, de vida, qualidade...”. Em seguida Miriam faz uma comparação clara entre Niterói e o Rio de Janeiro no que diz respeito à questão da favelização, pontuando que as favelas de Niterói são menores, enquadrando este aspecto como um fator positivo da cidade em relação ao Rio, que possui favelas maiores. Helen afirma que “em termos de qualidade de vida Niterói já foi considerada uma das melhores cidades do Brasil” e Leonor, na seqüência, repete o dado estatístico que já havia mencionado anteriormente, reiterando os aspectos positivos considerados por ela atributos da cidade. Cabe destacar que, de acordo com o Fluminense Online (2006), Niterói realmente já foi considerada a segunda cidade em melhor qualidade de vida do país, e em 2008, no jornal “O Globo”:

“Niterói é a primeira cidade do Estado do Rio e a terceira do país de maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), baseado em três pilares: renda, longevidade (e saúde) e educação”. (Monteiro, Gilson. “O Globo” 01/10/08).

Ao final do segmento, Helen amplia o tópico com relação às conseqüências desta busca das pessoas pela cidade, inserindo um exemplo do que, segundo ela, ocorreu no bairro de Itaipu, localizado na região oceânica da cidade. Em sua fala aponta o processo de favelização e o surgimento da violência nesta região como um aspecto resultante desta busca pela qualidade de vida de Niterói. Contudo, a despeito deste traço sócio-político geográfico, Itaipu “hoje ainda conserva essa coisa de todo mundo se conhece”, a entrevistada, por outro lado, ainda enquadra o presente sob uma perspectiva positiva.

Na seqüência Miriam amplia o tópico violência na cidade acrescentando que antigamente ela era inexistente, diferentemente de hoje em dia quando não há mais segurança em lugar nenhum, dando o exemplo de Icaraí.

Miriam: “Você andava com os carros de **janela aberta**, eram pouquíssimos carros, eu morava na Moreira Cezar, meu sogro tinha um carro, e a esposa do doutor, o homem até que morreu, eu esqueci o nome dele meu Deus, que era mãe do Alfredo Carlos, (...) **as casas eram muro baixo** com os jardins aquelas coisas todas, hoje você bota um **muro alto** na rua, o resto de casas que tem é um **muro altíssimo** toda com aquele circuito de TV pra filmar quem vai entrar...” (SEGMENTO 6)

Miriam fala do crescimento da violência no bairro em que passou a maior parte de sua vida, Icaraí, destacando as transformações físicas visíveis nos imóveis do bairro que antes tinham “muros baixos” e hoje “muros altos”, “muros altíssimos”. Estes são traços marcantes da transformação que seu bairro sofrera. Veremos na análise da terceira categoria um alargamento desta discussão em torno do aumento da violência e da falta de segurança em Niterói na atualidade.

2.1.2 LEMBRANÇAS DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Outra categoria de análise do discurso dos participantes do grupo focal é lembranças de experiência pessoal. Jussara, por exemplo, no segmento abaixo traz pouco da cidade em si. Seu discurso é formado por descrições da sua família e por experiências pessoais vivenciadas por ela ao se mudar pra Niterói, há 4 anos atrás.

Jussara: Meu nome é Jussara, (...) eu sou do Rio, moro há 4 anos em Niterói, (...) **meu neto fez história aqui na UFF**, estudou 4 anos aqui. Agora estando em Brasília ele está fazendo mestrado, está se formando em mestrado. E, **tinha dois filhos, agora só tenho um**, e a **minha filha é advogada**, trabalha na Petrobrás, se aposentou e chamaram ela de volta pro trabalho. É o meu orgulho. **Eu me orgulho da filha e me orgulho dos netos. Só tenho dois netos.** (...) **Eu sou viúva, meu velho faleceu**, Deus levou, como eu ia dizendo **eu tinha dois filhos, aí Deus levou o outro filho, o mais novo**, e eu sou muito apaixonada né, como a mãe, a gente tem os filhos e nunca vem na cabeça da gente... a gente num pensa que os filhos vai antes de nós, então a gente espera que vá sempre depois, mas é a vontade de Deus, nunca me revoltei contra Deus. (...). Porque a filha voltou a trabalhar, que é o meu orgulho, como eu ia dizendo. (...) Mas aí ela veio, me compra um apartamento aqui [?] na Rua Mem de Sá. (...) e alugou um outro apartamento aqui pra mim, na Gavião Peixoto, (...) eu vim morar aqui, (...) aí eu me perdi muito aqui menina. (risos). (...) mas aqui que agora eu tô conhecendo melhor, esses prédios são lindos né, é um pregadinho no outro né, e aquelas árvores, aquelas coisas. (...) Aí eu saía pra andar um mucado né, ver as lojas, Moreira Cezar né, aí minha filha quando eu vi

aqueles prédios, eu ia assim, eu ia muito bem andando, daqui a um cadinho eu parava, [?], ah quando eu olhava pra frente eu esquecia da rua. (SEGMENTO 7)

Ao contar-nos sobre sua relação com a cidade inicia sua narrativa alinhando-se como carioca (“eu sou do Rio”) e moradora recente de Niterói. Em seguida, introduz uma outra narrativa encaixada na qual descreve detalhadamente a composição e ocupação dos seus filhos, sobre sua situação marital atual e só, ao final, retorna ao tópico inicial (“mas aí ela veio...”).

Na fala sobre a família Jussara, em vários momentos, alinha-se como mãe (“e tinha dois filhos”), avó (“meu neto”), e descreve com orgulho sua família como podemos observar nas partes do segmento em negrito. Jussara posiciona-se também como alguém – como já foi dito anteriormente – que veio há pouco tempo para Niterói e deslumbrou-se com a arquitetura dos prédios do bairro onde foi morar, Icaraí, como podemos perceber através das orações em destaque, em que descreve sua experiência particular e muito pessoal ao andar e se perder pelas ruas do seu bairro.

Miriam também constrói seu discurso, ao longo do grupo, permeado por suas vivências pessoais. Descreve coisas que viu e viveu, pessoas com quem se relacionou, alinhando-se, muitas vezes, como observadora.

Miriam: É...eu morava na Tijuca¹⁴ no Rio né, mas eu mudava muito porque meu pai era oficial da marinha...

Jussara: ah então, ela da Tijuca aí, tá vendo?

Miriam: era oficial da marinha, então a gente tava sempre num lugar, né? Então era muito difícil de você formar assim, amigas, conhecer as pessoas, quando a gente pensava assim que já tava assim habitado naquele lugar, começava a gostar, tinha sempre que se mudar, né? **Então era muito observadora, eu gostava muito de ficar nas janelas né, olhando, olha as árvores, eu me acostumava mais com as árvores, com as coisas assim né, as casas, gostava de olhar lá de cima as casas, as árvores, balão, aquelas coisas...**

Jussara: Ela olhava lá de cima e eu olhava da rua...

Miriam: era a maneira assim de eu me apegar a alguma coisa. Que eu sabia que qualquer dia eu ia embora dali, então eu queria guardar aquilo na cabeça, **que eu acho que essas coisas, essas paisagens você focaliza bem na cabeça quando você quer lembrar de algum lugar, você fecha o olho você vê aquilo naquele momento né, aquilo que você viu né, aquelas coisas maravilhosas que você viu.** (SEGMENTO 8)

Neste segmento Miriam expõe suas lembranças de experiência pessoal ao grupo, de como foi morar em Niterói com uma enorme riqueza de detalhes que podemos analisar através dos vários alinhamentos que assume. Inicialmente, se alinha como solitária “era muito difícil de você formar amigas”, posteriormente como contemplativa (“muito

¹⁴ Bairro localizado na zona norte do Rio de Janeiro.

observadora, gostava de olhar”), sendo os objetos de contemplação a cidade/bairro/espaco que habitava. Ao contar sua estória, de constantes mudanças involuntárias, Miriam nos diz que essa atitude, no passado, para o qual ela olha hoje, a salvaguardou. Suas memórias construídas discursivamente no presente nos apresentam o cenário de “aquelas coisas maravilhosas que você viu” a moldura/paisagem de cenas vividas no passado que, recontadas hoje, são rehistoricizadas, como nos aponta Mishler (2002), de acordo com a identidade e visão de mundo construídos no momento da fala, como nos mostra Venancio (2008),

“A vivência da casa da infância e seu entorno, as relações que ali se estabelecem, o jogo de forças ou de cumplicidade, tudo isto colabora na formação do sujeito e contêm os primeiros atributos da identidade. Afinal, para além do traço de lugares, cheiros, pessoas e ambientes que guardamos em nossa memória, uma visão de mundo também é revelada nos relatos” (p. 40).

No segmento a seguir Miriam recria discursivamente o mundo da estória vivida, trazendo as personagens (irmã, pai e ela mesma) para falar dessa época em que ela e sua família viviam se mudando e contar como foi morar em Niterói.

Miriam: (...) E a gente ficava toda hora mudando, mas acontece que um dia **minha irmã adoeceu muito feio**, e a gente não sabia o que que era, ela uma menina muito bonita, muito inteligente e ela teve aquele negócio de cardiopatia, que hoje em dia faz transplante de coração, aquela época não fazia, e papai então resolveu, ele disse “nós vamos ter que parar um tempo e **vamos morar num lugar que seja muito tranquilo** e falou muito de Niterói, que Niterói é um lugar **muito tranquilo**, tem muita paz, as ruas são arborizadas e, outra coisa, é **muito familiar lá**”, a Tijuca já tava começando a não ficar mais, ficar tumultuado...

Jussara: E violenta...

Diana: Em que época Miriam era isso?

Miriam: ...58. **Então era assim, a minha irmã, ela, a gente saía assim pra passear na pracinha Afonso Peña, a Praça Saens Peña, e começou a Praça Saens Peña a não ficar mais aquela calma, aquela calmaria, aquelas coisas, começou a tumultuar, aqueles caras de moto, lambreta aquelas coisas, aquela juventude meia...entendeu?** E papai então resolveu ir pra Niterói com a gente. Então, nós compramos uma casa ali na Moreira Cezar onde é o atual Bamerindus né, ali tinha várias casas e ali é tudo muito familiar, não tinha quase edifícios nenhum, os edifícios da praia era pouquíssimos que tinha, era Álvares de Azevedo que tinha, na pracinha de Icaraí não tinha quase nenhuma prédio, prédios eram muito poucos, aqueles prédios ali do Itapuca também não tinha. E tinham três prédios, **três edifícios famosos em Icaraí, era o Aymara, Andyara e Maria Quitéria**, que eram três prédios que levaram 10 anos pra ser construídos.” (SEGMENTO 9)

No segmento acima, Miriam, ao responder a uma pergunta de Diana, oferece uma parte da narrativa de orientação, que consiste na contextualização do evento marcada, pelo quando (58), onde (pracinha Afonso Peña) e quem (eu, minha irmã), para explicar o que, ao seu olhar, ocasionou a vinda de sua família para Niterói. Na primeira parte desse segmento,

é possível perceber que a cidade de Niterói é alçada, na narrativa de Miriam, à condição de um elemento preponderante na cura/tratamento de uma doença grave de um ente familiar muito querido “minha irmã adoeceu muito feio (...) papai disse (...) nós vamos morar num lugar que seja muito tranquilo e falou de Niterói”.

Miriam descreve um cenário (a cidade de Niterói) ao qual atribuí vários traços positivos: “lugar muito tranquilo”, “tem muita paz”, “mais arborizadas”, “muito familiar” a fim de justificar a escolha dessa cidade para o tratamento de sua irmã e para qualidade de vida da família. Essa construção se dá em oposição a Praça Saens Peña na Tijuca/Rio de Janeiro enunciada por ela como um lugar que “não fica mais calmo”, “muito tumultuado”, no qual “a juventude é meia... entendeu?”.

Na maior parte do grupo focal podemos observar que o discurso de Miriam é construído de forma a utilizar suas experiências íntimas e pessoais, quase como uma biografia, para expor suas lembranças ao grupo. Outro aspecto encontrado no discurso dessa idosa é a presença reiterada de denominação de pessoas, ruas e até mesmo edifícios, como na citação acima. Essa característica da narrativa de Miriam será aprofundada na seção a seguir.

2.1.3 VALORIZAÇÃO DA TRADIÇÃO

A valorização da tradição a que se refere esta categoria de análise resulta, sobretudo, dos enquadres projetados por Miriam, ao destacar constantemente famílias e lugares considerados por ela “tradicionais” em Niterói. O termo “tradicional” é utilizado por ela constantemente para designar status e personalidades da cidade. Ao falar das famílias da cidade, fornece os sobrenomes e, ao introduzir os lugares freqüentados por pessoas de maior poder aquisitivo, como é o caso dos clubes e bairros residenciais, utiliza a mesma estratégia discursiva. O que Miriam valoriza, principalmente, em seu discurso, são as casas, as pessoas e a tradicionalidade da zona nobre da cidade, como podemos observar ao examinar as pistas de contextualização destacadas no próximo segmento.

Miriam: “Hoje não tem mais aqueles **casarões daquelas famílias** que as casas daquelas pessoas idosas garantiam que ainda teriam umas casas, ce vai chegando perto da igreja... **tem uma casa verde, que era chamada de casa verde, de uma senhora**, os filhos queriam muito vender porque **valia uma fortuna aquela casa** ela botou pé firme até o dia de morrer. Depois que ela morreu eu acho que foi a ultima casa da praia que venderam e fizeram um prédio naquela casa verde, que ela não conseguiu vender. E tem, agora, e **tem ainda muitas casas de muitas famílias tradicional**, tinha o **Pimentel vendeu a casa dele**, aquela casa do **Carlos Augusto Bitencourt vendeu a casa dele**, que é lá no Ingá, várias pessoas né. Entendeu?” (SEGMENTO 10)

Miriam constrói seu discurso em torno da cidade alinhando-se como alguém pertencente a toda esta tradição que ela atribui a Niterói, como podemos observar no próximo seguimento.

Miriam: “(...) a gente estudava no **Colégio Nossa Senhora das Mercês** entendeu, a gente ia pegava o ônibus do colégio, que tinha assim tipo um emblema do Mercês, pegava a gente em casa e levava, era só de meninas esse **colégio**. **O São Vicente** também era só de meninas **os colégios tradicionais de Niterói**, tinha também o **colégio Brasil** que era misto, tinha os rapazes e as moças (...) o Fonseca tinha várias casas de **gente tradicional**, tanto é que o clube dos Marajoara, que fizeram o clube, era dessa família dos carreteiros, que era das barcas, dono das barcas, era a família dos carreteiros, **uma família muito tradicional, uma família muito rica e as meninas estudavam junto comigo no Mercês**, (...) o povo invadiu a casa dos carreteiros e aquelas mansões lindas que não tinham nada a ver com a empresa né? Dos carreteiros. Aí começaram a jogar porta retrato, roupas, **coisas tradicionais de uma família**. Você não mexe numa **tradição de uma família**, você mexe no comércio, que o comércio é que te agride, não na **tradição de uma família**, que você tem que preservar, tem que respeitar, entendeu? E não respeitaram isso. (SEGMENTO 11)

Através das expressões “a gente” e “comigo” Miriam inclui-se no grupo ao qual atribui toda esta “tradição”, em negrito, apontada por ela. Como dito anteriormente esta tradição é construída discursivamente por um conjunto de pistas de contextualização que inclui a nomeação completa dos lugares (“Colégio Nossa Senhora das Mercês”), a reiteração do adjetivo tradicional para qualificar instituições (“colégios tradicionais”, “clube dos Marajoara”), grupos (“família muito tradicional”) e coisas (“coisas tradicionais de uma família”). Em resumo o substantivo tradição e/ou seus derivados atravessam e ecoam por todo o segmento, culminando com a última atribuição, a “tradição de uma família” que deve ser preservada e respeitada.

Nos próximos segmentos Miriam continua a alinhar-se como alguém que integra a parte da camada mais privilegiada da sociedade, o que pode ser analisado, principalmente, pelas palavras em negrito ao referir-se aos sindicalistas que comandaram a Revolta da Cantareira em 1959 em Niterói. Neste segmento parece evidente também a presença da *memória em disputa*, no momento em que Miriam e Leonor competem pela forma como tal história deva ser contada e lembrada.

Helen: Por que que houve essa revolta contra as barcas?

Miriam: Olha esse negócio de revolta contra as barcas, foi negócio de, num sei bem o que que foi não...

Leonor: Foi demora...

Miriam: Foi demora...

Helen: Todo dia em Niterói um acidente, morria gente...

Jussara: Tinha gente que caía da barca né...

Miriam: E o **povão** do sindicato era comandado por quem? Por pessoal do sindicato de **baixa categoria**, pessoas que **não tinha educação** então elas incentivavam o povo a ser contra os políticos, sempre aquelas coisas e aconteceu isso entendeu?"

Leonor: Não, não era bem por aí não, é que os militares também...é que você está tirando seu corpo fora porque seu pai era militar...

Miriam: não, não...

Leonor: Mas a verdade também é que os militares faziam muita coisa, não bota só Roberto Silveira nessa jogada não...

Miriam: não, eu num tô dizendo que...

Leonor: que não era só Roberto Silveira que era educado não, que ele entrou de gaiato no navio.

Miriam: Deixa eu te explicar, eu não sei o que que houve nas barcas, eu sei o que que houve que eu participei, eu tô contando o que eu participei.

Leonor: Eu também participei, Miriam.

Miriam: Eu não sei o que que houve negócio das barcas, o quebra quebra o porque que foi entendeu agora sei que o Roberto Silveira participou, que ele morreu queimado num desastre de helicóptero.

Leonor: Ele morreu num desastre de helicóptero, ele não morreu nas barcas.

Miriam: Não, querida, ele morreu queimado do helicóptero, o helicóptero explodiu...

Leonor: Mas não se sabe, não foi provado que foi por causa de... uma coisa não ocasionou outra..

Miriam: Não, minha filha, eu não tô dizendo que uma coisa ocasionou outra, eu tô dizendo, eu estou especificando um exemplo do que eu vi. Eu não tô dizendo que foi por aquilo, por aquilo, ou por aquilo outro, porque elas vão pesquisar e vão saber.

Leonor: É, mas não vai juntar um negócio, a morte do Roberto Silveira foi depois do negócio...

Miriam: não, querida, foi muito depois, *então* o pessoal dos carreteiros perderam tudo, as casa virou clube, outras ficaram vazias, porque ninguém quis ficar aqui, muitas meninas que estudaram comigo saíram...entendeu.

Leonor: Eu estudei com Eduardo, o filho dos carreteiros... (SEGMENTO 12)

Notamos que Leonor ao mencionar: *Não, não era bem por aí não, é que os militares também...é que você está tirando seu corpo fora porque seu pai era militar...* provoca uma disputa pelo modo como tal momento histórico da cidade deva ser contado e lembrado, discordando da forma como Miriam constrói seu discurso. Miriam, por sua vez, tenta defender-se dizendo não estar dizendo o que Leonor está entendendo, e conclui afirmando: *eu não sei o que que houve nas barcas, eu sei o que que houve que eu participei, eu tô contando o que eu participei*. Logo Leonor rebate dizendo que também participou e em seguida critica a forma como Miriam narra o ocorrido, por ter mencionado a morte de Roberto Silveira neste contexto. *É mas não vai juntar um negócio, a morte do Roberto Silveira foi depois do negócio...* Neste momento, Miriam concorda com Leonor afirmando novamente não ser isso que quis dizer e arrisca uma mudança de *footing*, para findar a discussão com Leonor:

então o pessoal dos carreteiros perderam tudo (...) muitas meninas que estudaram comigo saíram... Mas Leonor continua sua disputa e logo completa: *Eu estudei com Eduardo, o filho dos carreteiros...* Como se estivesse agora numa disputa pessoal com Miriam.



Estação das barcas/Revolta da Cantareira - 1959.

Ambas as entrevistadas, no segmento acima, co-constroem a narrativa sobre a motivação da Revolta da Cantareira que teve grande repercussão na época, e ainda na atualidade, é relembra e trazida pelos meios de comunicação. Esse trecho abaixo foi retirado de uma reportagem do jornal virtual *Folha Online* publicada em 2000, após a Revolta ter completado 50 anos, em 2009.

“Em maio de 1959, inconformados com mais uma greve dos marítimos e com o desleixo permanente do serviço das barcas que ligavam a cidade ao Rio, milhares de usuários depredaram e incendiaram o prédio, o cais e os armazéns da estação da Cantareira. O saldo foi trágico: seis mortos e 125 feridos. As empresas que exploravam o transporte marítimo pertenciam à família Carreteiro, de imigrantes espanhóis. Os escritórios da empresa e as casas dos membros da família que viviam em Niterói foram invadidos e destruídos”. (Folha Online, 2000).

No segmento seguinte, Miriam generaliza o modo como as moças de sua época pensavam sobre o casamento (“Era o sonho de toda menina”), e também nomeia este como tradicional.

“Era o sonho de **toda menina, de família** naquela época. As meninas tinham um medo de casar e se separar, mesmo que não desse certo, pô eu tô casada há 43 anos, **a gente carregava o marido nas costas a vida inteira** porque aquilo representava, **a família era tradicional, não era de separar, em Niterói isso era uma coisa importante na vida de todo mundo né**, os filhos, a família, aquilo tudo”. (SEGMENTO 13)

Neste segmento, a utilização dos termos em negrito sugere que Miriam se alinha como a mulher de sua época que integrava um grupo (a gente) que não podia romper com a tradição e os bons costumes, e carregava o marido nas costas pela vida inteira. No

entanto, a influência desta tradição nas relações pessoais de Miriam serão abordadas com maior detalhamento ao analisarmos sua entrevista individual no próximo capítulo.

2.1.4 PAPÉIS SOCIAIS E IDENTIDADES

Outro aspecto que chamou nossa atenção no discurso dos idosos no Grupo Focal foi a construção das “identidades” do único homem presente, posicionado pelas demais participantes como “professor”. Por sua vez o mesmo alinha-se como tal, posicionando-se discursivamente como aquele que detém conhecimento que transmite aos demais, tanto com relação à cidade de Niterói, como com relação a outros tópicos.

Renata: ah e os bailes?

Nelson: eu ia a todos eles, no Regatas...

Miriam: é um pé de valsa.

Leonor: Não é a toa que ele é professor, né?

Diana: Claro.

Nelson: É, e tinha outros divertimentos também que eram os cinemas né, os cinemas desapareceram, cinemas nós tínhamos aqui na parte litorânea da baía tinha o Rio Branco, depois veio o cinema Éden, depois era o cinema..

Miriam: Central?

Nelson: Odeon. Odeon onde é essa casa agora...

Miriam: De bagulho.

Nelson: É. De bagulho (risos).

Leonor: é, e tinha o Central...

Nelson: é, uma espécie de 1,99 agora.

Renata: Eram todos aqui no centro?

Leonor: era, o Central hoje é o bingo de Niterói.

Nelson: depois veio o Central que agora é o bingo de Niterói. Tinha ali onde é o Piazza {ele se refere ao Piazza Shopping} tinha o cinema Imperial. E tinha o Royal que era ali na na, antes do Central tinha o cinema Royal que era num cantinho daquele ali. O Imperial era...

Miriam: e no Fonseca...

Nelson: O Imperial [...]

Miriam: hein professor? No Fonseca não tinha um cinema também?

Nelson: Tinha, tinha o Alameda.

Miriam: O Alameda né. (SEGMENTO 14)

Nelson dá aulas de dança de salão no Espaço Avançado, mas nenhuma das participantes do grupo focal é aluna dele. Mesmo assim, Miriam, ao se reportar a ele durante a entrevista, só se refere ao mesmo como “professor”, assim como Leonor.

No próximo segmento Nelson discorre sobre a localização da praia que ele freqüentava no centro da cidade na época de sua juventude, e sua descrição evoca outras lembranças do restante do grupo.

Nelson: lá nessa parte onde eu falei agora onde tinha... ela [a praia] ia até aquele quartel da polícia. [?] tinha um mangue lá que eles chamavam, lá no aterro, chamavam de aterro, aquela praça ali onde tem a estação, a estação ferroviária, vinha até ali, ali tinha um mangue.

Helen: Ali era o que, o trem? Era estação de trem?

Leonor: é, meu irmão trabalhou ali [?]...

Nelson: Trem. Eu peguei o trem ali, na minha lua de mel eu peguei o trem ali.

Miriam: meu marido pegava muito trem ali pra ir pra Friburgo. Que eles pegavam o trem ali naquele teatro em frente onde é o Moinho de Ouro né , agora né, aí o trem ia ia ia e ia lá pra Friburgo, eles iam naquele trem.

Leonor: seu Nelson, mas antigamente quando eu vim pra cá, a gente comprava peixe lá, mas não era no mercadão, era nos próprios rapazes nos barco, não era?

Nelson: Não, vocês compravam nas calçadas...

Leonor: Era, nas calçadas. Eles vendiam nas calçadas né. Eu peguei isso. (SEGMENTO 15)

Contudo, a forma como Nelson discursiviza suas lembranças, de fato assemelha-se à forma como um professor dá aulas, dando informações e explicações detalhadas aos ouvintes. Ao falar dos malefícios trazidos à cidade através da construção da ponte Rio-Niterói ele constrói no segmento abaixo seu argumento com base em números (500 mil/ 1 milhão) acrescido de uma explicação pelo aumento numérico da população (“Que todo o pessoal...vieram todos pra Niterói”) e ainda finaliza sua fala com evidências relativas ao deslocamento entre localidades.

Nelson: A ponte trouxe pra Niterói, nós éramos mais ou menos **500 mil** habitantes em Niterói, agora nós somos **mais de 1 milhão**. Que todo o pessoal do, da redondeza do Rio, como é que chama a... o subúrbio, vieram todos pra Niterói. Porque era muito mais fácil você trabalhar no Rio e morar em Niterói do que você vir lá de Madureira, lá de Belforoxo, **então dobrou a população**.

Renata: que a ponte foi construída pra facilitar a integração né?

Nelson: exato.

Renata: Porque antes eram barcas. Só barcas.

Nelson: Não, mas mal fez, mal fez a ponte e **os engenheiros nessa época que falharam, porque eles fizeram uma convergência**, o pessoal que vem lá de Manilha, e o pessoal que vem da Alameda e o pessoal que vem do centro, eles convergem num ponto só.

Leonor: isso mesmo. (SEGMENTO 16)

Segundo Wehrs, o grande acontecimento na vida de Niterói ocorreu em plena ditadura quando foi inaugurada a Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói), em 1974, trazendo à cidade nova fase de progresso, mas também novos problemas em todos

os setores de atividades. Na cidade não havia estrutura para comportar tamanho fluxo de veículos e pessoas trazidas pela alargada, e desobstruída via, o que até hoje resulta em habituais engarrafamentos na entrada e saída da ponte em Niterói (1984, p. 121). Vemos, então, que as afirmações desse autor corroboram o discurso de Nelson, que deixa transparecer também, no segmento acima, uma desqualificação dos profissionais que trabalharam na construção da ponte (“os engenheiros nessa época que falharam”) ao falar da convergência deixada no trânsito.

Renata: Agora eu vou falar da forma contrária, vocês vêm hoje, assim. Hoje olhando a cidade de Niterói ainda há alguma semelhança com aquela Niterói de antigamente?

Miriam: muito pouca [?] virou comércio, então ali você não tem um lazer uma pessoa tipo **minha irmã, quando ela ficou doente do coração foi dificuldade de caminhar andava de cadeira de roda**, ali você levava os velhos nas cadeiras de rodas, hoje você não pode levar na cadeira de rodas porque, o que que aconteceu? Botaram ali várias barracas pra você, até você passando a pé pra ir na igreja é uma dificuldade horrível. Tá entendendo?

Leonor: Cada hora enche mais.

Miriam: E outra coisa, e aquelas lindas plantas que conseguiam segurar as árvores eles tiraram aquilo tudo pra não tratar e botaram aquelas plantas rasteirinhas, Jibóia, que aquilo sobe nas árvores, tira a seiva das árvores, daqui a pouco as árvores caem. Então mudou muito.

Jussara: **Eu não sei né**, que há **4 anos que eu moro aqui**, mas eu acho muito bonito.

Leonor: Há 34 anos...

Miriam: é mas aqui já foi muito mais bonito.

Nelson: **Niterói é uma cidade improvisada, não foi programada**, essas grandes construções que tiveram aí, **nós não temos uma estrutura, não temos esgoto, o esgoto não está preparado pra esse número de edifícios**, onde era uma casa que vivia 10 pessoas fizeram um edifício que mora 500. Então, os serviços de esgoto, água, luz, luz também, luz ainda tipo antigo, é aéreo, não existe em lugar nenhum a subterrânea até agora, eu li uma crônica num jornal desses [?] que a Alameda tá fazendo uma obra na lateral.

Leonor: Dizem que não vai dar em nada, né.

Nelson: Porque eles não aproveitaram que está aberto, os buracos lá, pra botar luz subterrânea? Porque fica mais econômico e mais bonito, fica tudo melhor. Eles não sabem porque que não aproveitaram, a Ampla¹⁵ não se interessa. (SEGMENTO 17)

No segmento acima observamos uma multiplicidade de alinhamentos dos participantes ao narrar suas memórias. Miriam recorre, inicialmente, às lembranças pessoais, cujos personagens são quase sempre os membros de sua família (irmã, pai e mãe) alinhando-se como cidadã preocupada com o deslocamento de idosos e deficientes físicos na cidade (“hoje você não pode levar na cadeira de rodas...é uma dificuldade horrível”), e com as questões ambientais (“botaram aquelas plantas rasteirinhas... tira a seiva das árvores, daqui a pouco as árvores caem”). As contribuições de Leonor ratificam seus interlocutores e reiteram

¹⁵ A Ampla Energia e Serviços SA é uma distribuidora de energia que contempla 66 municípios do Estado do Rio de Janeiro, incluindo Niterói.

sua aproximação com a cidade na qual mora “há 34 anos”. Ela alinha-se como cidadã informada sobre os problemas atuais da cidade (“cada hora enche mais; dizem que não vai dar em nada”). Jussara continua a assumir a posição de uma pessoa que não conhece bem a cidade, por ter vindo recentemente para a mesma, e, por isso, quase não se coloca em meio às discussões sobre Niterói, mesmo sendo carioca e ter passado a vida, tão próximo, do outro lado da ponte. Nelson continua explicativo, assumindo uma postura de professor, chegando novamente a mencionar estatísticas para ancorar sua afirmação de que *Niterói é uma cidade improvisada, não foi programada, (...) onde era uma casa que vivia 10 pessoas fizeram um edifício que mora 500*.

Como já foi dito, tanto aqui, como em toda sua construção narrativa, Miriam alinha-se como uma mulher muito ligada à família (neste segmento ela menciona a irmã) e aos costumes sociais. Traz, em sua narrativa, ao longo do grupo focal, uma descrição cheia de detalhes sobre sua família e seu contexto socioeconômico. Já Leonor alinha-se em vários momentos, inclusive este do segmento acima, como uma observadora que apenas complementa as lembranças selecionadas pelo grupo, trazendo muito pouco de suas próprias experiências. Quanto a Helen, apesar de não aparecer neste segmento propriamente, participa de várias discussões e coloca-se como alguém que está curioso, que está ali mais para aprender do que para explicar questões referentes à Niterói. E, por fim, Dilma não participa praticamente de nenhuma discussão, limitando-se a fazer pequenas pontuações em raros momentos, alinhando-se apenas como uma observadora, que talvez não se sinta preparada para falar de uma cidade que, segundo ela, conhece tão pouco.

De acordo com Venancio,

“O sentimento de identidade, mesmo no seu sentido mais superficial, ou seja, a imagem que uma pessoa constrói dela mesma e apresenta aos outros, é fundamental para a construção de continuidade e coerência necessárias ao processo de reconstrução de si. Este processo é, evidentemente, diversificado e vai revelando as referências familiares e sociais, desenhando o itinerário de vida, operando uma reterritorialização do espaço de confrontos e pertencimentos”. (2004, p.84).

Toda essa gama de construções identitárias no grupo sugere semelhanças entre estes participantes que, de alguma maneira, ainda sentem-se hoje muito ligados a cidade de Niterói, seja por vínculos familiares, ou pelo sentimento de pertencimento, última categoria de análise do grupo focal, que será abordada na seção a seguir.

2.1.5 O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Ficou evidente, na fala da maioria dos participantes do grupo focal, um sentimento de pertencimento e enraizamento em relação à cidade. Apesar das várias críticas e comentários negativos relativos à cidade nos dias de hoje, observamos vínculos de várias naturezas a partir de laços familiares, sentimento de nostalgia, amor, saudade e por uma questão de referência e identificação. Estas interpretações resultam, sobretudo, da análise da resposta do grupo a uma pergunta feita por uma das mediadoras:

Diana: Olha só, você, eu não sou de Niterói, conheço Niterói turisticamente, e vocês estão mencionando várias coisas que nós no Rio sofremos também, então eu queria que cada um de vocês dissesse o seguinte pra mim. Se tivesse a oportunidade de sair de Niterói agora, vocês sairiam? (SEGMENTO 18)

Todos os integrantes do grupo responderam que não sairiam de Niterói, mesmo os que não são nascidos e criados na cidade, quase todos deram como uma de suas justificativas para a permanência em Niterói o fato de terem seus vínculos familiares na cidade. Sobre isto, Baptista explica que “a memória, por mais particular que seja, está sempre inserida num contexto familiar e/ou de um grupo social e é um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (2003, p.4).

Outras justificativas apareceram, assim, apresentaremos abaixo a análise das respostas de cada entrevistado individualmente:

Helen: Não.

Leonor: Não, não..que isso? Eu gosto de Niterói. Ele não presta, mas **eu amo Niterói.**

Helen: Eu só iria pra outro país, eu já estou decepcionada com o Brasil, eu não acredito mais.

Diana: se você fosse ficar no Brasil você ficaria em Niterói.

Helen: em Niterói.

Diana: Por que?

Helen: Porque **eu ainda gosto da qualidade de vida, ainda aprecio aquele litoral que é belíssimo.**

Nelson: Ainda tem saudades né? **Ainda temos saudade.**

Dilma: Olha, **eu ficaria** pelo seguinte, porque **o Rio não era assim como está agora essa violência.** Porque antigamente eu botava meus f...(INTERROMPIDA)

Jussara: por causa das favelas, e as favelas cresceram por causa do que, vem gente de fora e tomaram conta do Rio.

Dilma: (...) Então, tá muito violento, eu não tenho, **eu tenho medo de ir ao Rio**, tô falando sério pra você.

Renata: Então a senhora hoje também não sairia de Niterói?

Dilma: **eu não sairia.** Antigamente sim, chorava muito, eu tinha uma coisa, não podia ver, eu chorava muito. (SEGMENTO 19)

Helen, ao dar sua resposta, demonstra uma insatisfação com o Brasil como um todo, e não apenas com Niterói, ao dizer que só sairia de Niterói para morar em outro país por estar decepcionada com o Brasil. E justifica sua preferência por Niterói a qualquer outra cidade brasileira por ainda gostar *da qualidade de vida e apreciar aquele litoral que é belíssimo*. Ou seja, para ela a beleza da cidade não foi alterada pelo progresso, pois é natural.

Já Dilma justifica sua permanência em Niterói pelo fato do Rio de Janeiro hoje estar muito violento, demonstrando considerar esta sua única alternativa de moradia, visto que é carioca, mais uma vez trazendo a perspectiva relacional (Rio/Niterói) como argumento. A escolha dela se dá como falta de alternativas, já que o outro (Rio) “não era assim tão violento...”, mas hoje é. Interessante observar que, neste momento Jussara, que também é carioca, interrompe justificando que a violência do Rio e o surgimento das favelas são frutos da chegada de *gente de fora* que tomou conta da cidade.

Nelson: eu tenho uma explicação pra você. Você fez uma pergunta que é difícil de responder.

Diana: Eu sei.

Nelson: Eu, por exemplo, disse a minha esposa, “olha, agora estamos com os filhos casados vamos deixar isso aqui pra eles, eu quero ir pra Maricá”.

Leonor: Tá violento lá também.

Nelson: Mas acontece que o seguinte, **nós temos toda a nossa ligação aqui em Niterói, é filhos, é outros parentes, irmãos**. Quer dizer que a gente vai pra lá fica isolado. Então aceitei a ponderação dela. Mas, tem razão como ela...lá também tá violento como está aqui. Já está igual. Quer dizer, isso vai...se alastrando.

Diana: Mas a Leonor tava respondendo...você falou alguma coisa quando eu fiz a pergunta...você falou, eu me perdi no que você falou.

Leonor: olha, há 13 anos atrás meu filho que formou em engenharia mecânica na UFF foi trabalhar na Souza Cruz no Rio Negro no Paraná. Então, por eu ir muito pra Curitiba, que primeiro tinha que ir pra Curitiba, pra pegar o ônibus pra Rio Negro lá né, aí eu adoro Curitiba, aí chegamos até em cogitar de comprar uma casa em Curitiba. Eu tenho loucura por Curitiba, eu sou louca por Curitiba, pra mim não há no Brasil lugar que seja igual a Curitiba.

Nelson: **é uma cidade planejada**. Tanto que as ruas não tem nomes, é numero, 42...

Leonor: é, de repente eu vou gostar.

Renata: mas a senhora iria ou não pra Curitiba hoje?

Leonor: agora justamente **não, pela mesma situação de seu Nelson**. Porque meu filho ia comprar casa primeiro em Curitiba aí depois ele foi embora de Rio Negro pra Santa Cruz do Sul, mas pra Porto Alegre, aí ele amou Porto Alegre, eu detestei Porto Alegre, que eu acho Porto Alegre sem...**eles também não planejaram muito, né seu Nelson?**

Nelson: É.

Leonor: é meio sem planejamento também em Porto Alegre. Aí eu falava, também Porto Alegre eu não quero, aí ele, “mamãe você acha”...

Nelson: Cidade modelo é Curitiba.

(SEGMENTO 20)

Nelson, com seu tom saudosista que enaltece a Niterói do passado e critica a de hoje, afirma que não sairia da cidade por causa da família. Ele acha que não vale a pena ir para outro lugar para viver isolado.

Leonor, que logo depois da pergunta de Diana respondeu: *não..que isso? Eu gosto de Niterói. Ele não presta, mas eu amo Niterói*, após a fala de Nelson, que disse que pensou em mudar-se para Maricá, mudou sua resposta afirmando que sairia para morar em Curitiba, pois em sua opinião *não há no Brasil lugar que seja igual a Curitiba*. Em seguida, ela diz que não sairia de Niterói pelos mesmos motivos de Nelson.

Diana: e agora dona Jussara, agora é sua vez dona Jussara, a senhora se mudaria agora se pudesse?

Jussara: eu agora **não** pretendo me mudar daqui, **porque eu tenho minha filha né, só tenho a filha e dois netos...**

Diana: Mas e se eu perguntasse pra senhora, você prefere ficar aqui ou prefere ir pra outro lugar?

Jussara: **Mas eu vou dizer, responder sinceramente a sua pergunta com toda a violência, eu adoro o Rio de Janeiro.**

Diana: então a senhora só voltaria pro Rio?

Jussara: não, eu digo pra eles, **o dia que eu morrer eu quero atravessar a ponte...**

Leonor: ah...então ela gosta mesmo, o umbigo ficou lá.

Jussara: ele pode ser o que for, mas eu adoro o Rio de Janeiro, é um direito que me assiste.

Diana: claro...

(SEGMENTO 21)

Através da afirmação *porque eu tenho minha filha né, só tenho a filha e dois netos*. Jussara esclarece que sua escolha pela permanência em Niterói não deve-se a uma preferência pela cidade em si, mas devido aos vínculos familiares formados ali. No entanto, deixa claro a preferência a sua cidade natal, ao mencionar: *com toda a violência, eu adoro o Rio de Janeiro*. E mais ainda ao afirmar o seu desejo de retornar ao Rio, mesmo após sua morte, *o dia que eu morrer eu quero atravessar a ponte...*

Diana: e Miriam, se mudaria?

Miriam: **Aqui já faz parte da minha vida, da minha história, das minhas tristezas, das minhas alegrias, dos meus sucessos, dos meus triunfos, entendeu? Meus filhos nasceram aqui, entendeu? Então...meus pais ficaram aqui, minha irmã ficou aqui, entendeu?**

Renata: e você gosta daqui?

Miriam: **eu adoro isso aqui, porque é tudo meu se relaciona aqui, eu criei uma história aqui, eu vim muito pequena pra aqui, então eu conheço as árvores da rua, eu conheço tudo aqui entendeu? Cada lugar que ergueu um prédio se eu fechar o olho eu lembro como era aquela casa, aquelas pessoas...**

Renata: É isso que eu queria perguntar, mesmo com toda a modificação...

Miriam: Com toda modificação, eu ainda lembro de tudo, dos bancos lá da praia...

Renata: Você se identifica com a cidade.

Miriam: Identifico, eu lembro do trampolim, quando eu olhava lá pra cima aqueles meninos que eu ia olhar aqueles garotos que eu conheci. Só que tem uma coisa, todo aquele bando de gente que eu conheci na minha juventude se eu te disser eu não tô tão velha assim eu vou fazer 64 anos daqui há 2 meses, eu não vejo mais ninguém, ninguém aqui, porque a maioria das pessoas que estavam em Icarai foram pra Itaipu, foram pra Itacoatiara, foram pra Piratininga, e os poucos que foram pra São Francisco não estão mais em São Francisco, foram pra Camboinhas. Então, agora a maioria das pessoas estão indo pra Camboinhas. **Se eu não vejo mais ninguém em Icarai, mas só que em cada lugar que eu vou ali tem uma parte minha, tem uma parte da minha irmã, tem uma parte da minha mãe,** entendeu, que eu olho assim eu penso “poxa, eu passeava aqui no campo de São Bento, eu sei o banco que eu ficava, entendeu, a igreja que eu vou, sei onde eu casei, São Judas Tadeu”. Então aquilo ali já faz muito parte de mim, então aquilo cada vez que você anda num lugar em Niterói, **é como se fosse assim um um uma coisa tua. Tá tudo interligado com sua alma, com tudo teu.** Entendeu? E é muito gostoso. **Você cria raízes ali.** (SEGMENTO 22)

Miriam é a única que prefere ficar em Niterói, por causa de Niterói. Demonstra que a cidade tem para ela um significado muito importante, não por ser bonita, feia, calma ou violenta, mas por ter sido o principal cenário de sua vida e evocar para ela lembranças valiosas de suas experiências e de sua família. Através da afirmação – *Cada lugar que ergueu um prédio se eu fechar o olho eu lembro como era aquela casa, aquelas pessoas...* – ela demonstra que com toda as modificações que Niterói sofrera, a sua memória está preservada e é esta memória que a faz amar tanto e se identificar tanto com este lugar.

Miriam: Tem lugares que a gente vai que a gente cria raízes, você se acostuma todos os dias a acordar naquele lugar, a andar naquelas ruas, você cria raízes naquelas ruas, aquelas árvores, você conhece os lugares, você conhece as ruas, quando você entra em um lugar, você sente uma parte da tua vida ali, agora se você vai em lugar estranho, você se sente muito estranha, por exemplo, sabe que ali na esquina da Lopes Trovão, ali tinha um bar Elite, agora é um prédio Elite, você sabe que ali na esquina tinha o cinema um, agora é um shopping, então tem lugares ali, que mesmo que botem um prédio, você vai saber, aquilo vai ficar no teu pensamento do que era antes, teu pensamento é como um computador, nada vai destruir teu pensamento, é como uma história. (SEGMENTO 23)

No capítulo a seguir faremos a análise das entrevistas individuais realizadas com Nelson e Miriam.

CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS DA VIDA EM NITERÓI

Este capítulo é destinado às análises das entrevistas individuais realizadas com dois moradores da cidade de Niterói, Nelson e Miriam, que também participaram da entrevista grupal analisada no capítulo anterior.

3.1 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

As entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2010 numa sala cedida pelo Programa de Extensão UFF Espaço Avançado, com dois idosos que participaram do grupo focal: Miriam e Nelson. Ao fazer as transcrições das referidas entrevistas pude perceber que havia um conteúdo muito íntimo e confidencial no discurso de Miriam que, em certos momentos, deixou de alinhar-se como entrevistada tentando projetar um enquadre clínico a nossa interação, o que será discutido mais adiante na seção 3.1.2. Sendo assim, por razões éticas, optei por não fazer a transcrição completa da entrevista, atendo-me apenas aos dados mais relevantes para a pesquisa, ou seja, sobre a cidade de Niterói.

Considerando que um dos objetivos deste trabalho é investigar como ocorre o processo discursivo de construção da memória no que se refere à cidade de Niterói, optei por analisar as entrevistas realizadas com Nelson e Miriam a partir do conceito de enquadre (GOFFMAN, 2002), ou seja, a interpretação do que está acontecendo no momento das interações. Assim, pude perceber no decorrer da pesquisa que o enfoque dado por cada entrevistado a nossa interação conduziu a construção de seus discursos. Foi possível, ainda, observar que ambos os entrevistados tiveram um posicionamento distinto do apresentado por eles anteriormente no grupo focal.

Nelson, que no grupo focal foi enquadrado em vários momentos pelas demais participantes como professor, e acabou assumindo discursivamente tal identidade naquela ocasião, na entrevista individual alinhou-se de maneira diferente, colocando-se não mais como professor, aquele que ensina sobre a cidade, mas como um entrevistado preocupado em fornecer dados relevantes à pesquisa da sua entrevistadora. Já Miriam, por diversos instantes parecia esquecer que estava diante de uma pesquisadora, alinhando-me como terapeuta, amiga ou confidente, para quem conta sua história de vida, suas memórias e experiências com sua família. Veremos, então, a seguir tais enquadramentos com maior detalhamento.

3.1.1 ENQUADRE ENTREVISTA

Como já foi dito, na entrevista individual de Nelson, o enquadre predominante estabelecido conjuntamente em nossa interação foi o de “entrevista”. Podemos observar no próximo seguimento que, ao responder a minha pergunta sobre como seu relacionamento com sua esposa começou, o entrevistado explicita sua dúvida sobre se esta informação seria relevante para a minha pesquisa.

Renata: O senhor conheceu a sua esposa, foi o que, no clube?

Nelson: Criei, eu criei ela.

Renata: o senhor criou? (risos).

Nelson: É, eu conheci ela, ela ainda tava no colégio, estudava no Aurelino Leal, aí se formou, é, agora **eu não sei se te interessa...**

Renata: Não, o senhor pode falar.

(SEGMENTO 24)

Por diversos instantes da entrevista, Nelson emite pistas de contextualização como a destacada acima, que sugerem sua atenção o tempo inteiro ao objetivo do nosso encontro, alinhando-se, portanto, como entrevistado.

No entanto, outros tipos de alinhamentos também puderam ser identificados no decorrer da entrevista, como, por exemplo, o alinhamento profissional. Na maior parte do tempo Nelson alinhou-se como um homem trabalhador, trazendo dados relacionados aos empregos que teve, suas lutas e conquistas nesse contexto, falou também de suas mudanças de endereço, e mostrou-se um profundo conhecedor da cidade, assumindo, nessas ocasiões, o alinhamento do “professor”, como veremos na seção 2.1.4.

Nelson: Olha, a minha vida **só tem fatos pitorescos** né, eu na [?] eu gostei muito da posição de entalhador, eu fazia escultura, fiz até mapa do estado do Rio, e gostei também da tipografia, o sistema que fazia caderno, fazia pauta, então eu gostava dessas coisas, mas, de repente, eu tive que sair de lá, pois meu pai não tinha mais condições, então ele me botou em uma oficina de mecânica, [?] lá ele me botou no setor de [?] fazia ferramentas, são máquinas especializadas.

Renata: Foi seu primeiro emprego?

Nelson: Foi meu primeiro emprego, aí comecei a me dedicar ali, mas aí eu falei com meu pai, ele lá ele **tinha um prestígio**, ele arranjou minha transferência para sala de desenho, aí eu fui lá, e logo lá em seguida **me apadrinhou um alemão, ele era engenheiro** [?] ele me ensinou tudo que eu sei, no final **eu fiz mais que ele na profissão** porque ele era alto escalão na técnica, e eu não, eu fui aprendendo com ele e desenvolvi e **cheguei a ser chefe** [?].

(SEGMENTO 25)

No enquadre profissional, Nelson constrói discursivamente a identidade de um profissional múltiplo e diversificado, elencando várias áreas de seu interesse (entalhador, escultor, cartografia, tipografia). Em seguida, projeta-se como um profissional esforçado e dedicado (“aí comecei a me dedicar ali”) que, a despeito de uma situação adversa (“meu pai não tinha mais condições”), inseriu-se no mercado de trabalho inicialmente graças ao prestígio paterno. Ainda no mesmo texto, atribui seus conhecimentos ao padrinho engenheiro e, reiterando a identidade de profissional esforçado e competente, descreve sua trajetória profissional vitoriosa (“cheguei a ser chefe”).

Podemos observar que se Miriam valoriza sua posição na sociedade a partir da tradição da família a qual ela pertencia, como vimos ao analisar a terceira categoria “A valorização da tradição” no capítulo 2, Nelson também valoriza a sua, mas num outro contexto, o trabalho. As pistas de contextualização destacadas no segmento acima sugerem uma valorização do trabalho, o que analisaremos com mais detalhes na seção 3.2.2.

3.1.2 ENQUADRE CLÍNICO/TERAPÊUTICO

Na entrevista individual de Miriam, observo que ela fala dos dilemas que enfrentou com sua família, como uma forma de desabafo. Ao retomar os dados, observou-se que ela parecia aproveitar-se da entrevista para falar de suas angústias e aflições mais pessoais. No próximo segmento, por exemplo, ela afasta-se do objetivo e da agenda da entrevista e, a despeito do tópico de minha pergunta, descreve seus sentimentos e detalha episódios da sua vida familiar.

Renata: Você assim que casou, foi morar aonde?

Miriam: Eu fiquei morando na Moreira Cezar.

Renata: Em Icarai mesmo?

Miriam: Sim, em Icarai, meu pai e minha mãe tinham morrido, eu fiquei com a casa, com tudo dentro, eu tive que me desfazer, das coisas, da minha mãe, do meu pai, da minha irmã **foi uma barra, ter que desfazer das coisas, você não sabe o que vai fazer.** Eu fiquei chocada, porque foi assim, **primeiro morreu papai. Mamãe ficou arrasada. Depois minha irmã ficou doente, 20 anos, tinha cardiopatia, e naquela época não havia transplante, e mamãe não deixava ela ter amigos pra ninguém saber que ela era doente, escondia de todo mundo. Quando ela morreu, ninguém soube ali que ela morreu, mamãe não queria dizer que ela morreu, mamãe dizia que ela casou, que tava muita bem em Brasília, morando lá, mamãe não dava o braço a torcer, que sofria, sabe...** (SEGMENTO 26)

Miriam lista uma série de perdas de entes queridos (pai,mãe, irmã) e alinha a mãe como sofredora “**que sofria, sabe**” e ao mesmo tempo repressora “**mamãe não deixava ela ter amigos**”. Por diversos momentos da entrevista ela parece esquecer que estamos gravando a mesma em áudio, e conta passagens muito delicadas de sua vida conjugal, chegando, inclusive, a contar coisas que afirmou depois ter revelado a poucas pessoas em sua vida, uma espécie de “segredo de família”, o que ocasionou a necessidade ética de um cuidado redobrado ao transcrever os dados.

Na seção a seguir inicio o processo de análise das entrevistas individuais começando pela categorização dos dados.

3.2 A CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DAS ESTREVISTAS INDIVIDUAIS

Vimos, na seção anterior, que os enquadres adotados pelos entrevistados conduzem à construção dos seus discursos. Agora faremos a categorização dos dados das entrevistas, visando analisar como as transformações da cidade de Niterói são discursivizadas na construção da memória social dos entrevistados.

Para criar as categorias de análise das entrevistas individuais, primeiramente, após as transcrições, fiz uma leitura minuciosa e comparativa das duas entrevistas, sem perder de vista a entrevista grupal. Sendo assim, tracei alguns aspectos em comum nas falas de cada entrevistado para identificar as diferenças e semelhanças na construção do discurso deles dentro e fora do grupo, analisando assim, de que forma ocorre o processo discursivo de construção da memória no que se refere à cidade, examinando como se dão as relações entre espaço, memória e identidade, destacando o papel da memória individual e coletiva neste processo.

Ao verificar a presença de três aspectos centrais nas referidas entrevistas, o aspecto familiar, o profissional e o social, decidi pela criação de categorias de análise relacionadas à estes aspectos. Assim, intitulei a primeira categoria de Memória familiar, na qual serão analisadas as seguintes subcategorias: infância, juventude, casamento e educação dos pais. Na segunda categoria, chamada Memória Profissional, serão abordadas as subcategorias: emprego, valorização profissional, relações de trabalho e aposentadoria. Por fim, a terceira categoria, intitulada Memória Niteroiense, analisaremos as subcategorias: hábitos e costumes da população, tragédia na cidade, sociedade niteroiense e modernidade.

Nas seções a seguir analisarei as entrevistas com base nas categorias estabelecidas.

3.2.1 MEMÓRIAS FAMILIARES

No decorrer das entrevistas o aspecto familiar se fez bastante presente. No discurso de Miriam, por exemplo, ela, na maior parte do tempo, relaciona a cidade de Niterói ao seu contexto familiar, desde sua vinda para cidade, quando ainda era uma menina.

Renata: Miriam, pra começar queria que você me dissesse, quando você pensa na cidade, Niterói, qual ou quais lembranças mais marcantes que vem em sua cabeça? Quando você pensa em Niterói o que te vem à mente?

Miriam: **Foi a parte mais feliz da minha vida**, por que eu vim pra Niterói, morar em Niterói porque eu tinha uma irmã doente e eu vim pra Niterói pra cuidar da saúde dela, que era beira de praia essa coisa toda, e **eu me senti muito bem porque era um bairro muito familiar**, então você conhecia todo mundo, se dava com todo mundo, **muitas** casas e pouquíssimos apartamentos, era assim, **todo mundo se conhecia...** (SEGMENTO 27)

Ao contar sobre sua juventude Miriam descreve o que era costume dos estudantes de sua época, e conta tal passagem com muita satisfação, olha para cima, como se estivesse vendo imagens do passado e relembra estes fatos com um sorriso nos lábios. A resposta de Miriam a minha pergunta aberta sobre as lembranças que tem da cidade evidencia um enquadramento da memória: ela seleciona, para contar-me, uma narrativa da temática familiar, precedida pelo resumo que nos informa, de maneira enfática, seus afetos e emoções positivas (“Foi a parte **mais** feliz da minha vida”). A familiaridade dos habitantes do bairro é um traço, por ela elencado, como responsável pelo seu sentimento de bem estar (“eu me senti muito bem porque era um bairro muito familiar...todo mundo se conhecia.”).

Miriam: (...) Que aí eu conheci muita gente, estudei no São Vicente de Paula, todo mundo conhecia a gente, ia um grupo de bicicletas, **que hoje em dia eu não vejo mais isso**, ia um grupo de bicicletas de manhã, uma passando na casa da outra, esperando, a gente ia rindo, conversando, as bicicletas Monark que tinha umas cestinhas na frente, e também os rapazes né, **os garotos vinham atrás de bicicleta né, pra não pegar mal pra gente**, era uma coisa tão pura, tão bonita, entendeu? Muito lindo mesmo.(SEGMENTO 28)

Para Miriam essa visão nostálgica de sua ida de bicicleta para escola com as amigas parece lhe trazer ao mesmo tempo sentimento de alegria, saudade e lamento, por não ver mais cenas como esta, na Niterói atual, (“hoje em dia eu não vejo mais isso”), o que poderia ser uma consequência do que ela citou anteriormente: (“você conhecia todo mundo,

se dava com todo mundo, muitas casas e pouquíssimos apartamentos, era assim, todo mundo se conhecia...”).

Vemos que, ao falar sobre a cidade, sobre as coisas que havia em sua época como divertimento dos jovens niteroienses, ela relembra e descreve com detalhes sua juventude, ao falar do que havia antigamente na cidade, e aproveita para contar as coisas que ela e seus amigos faziam para se divertir e lembra de como conheceu seu marido.

Miriam: (...) tinha o clube central, onde a gente ia nas festas e a praia, a gente adorava passear na praia, porque ali na praia tinha os rapazes no trampolim, que ali na praia tinha um trampolim né que foi, explodiram né, tiraram porque estava com muitos defeitos, caindo aos pedaços, então a gente passeava ali, os rapazes ficavam ali dia de domingo, e as meninas iam pouco a praia, era mais os rapazes né, as meninas dificilmente iam a praia, então a gente ficava passeando no calçadão e aquilo me marcou muito, **que eu conheci meu marido ali né, namorei ele ali**, e mesmo depois, não ter...como é que se diz? Logo casado com ele, que depois brigamos, terminamos, depois de muito tempo é que fui casar com ele né, depois que **perdi meu pai, e minha irmã...** aí que eu fui casar com ele né. (SEGMENTO 29)

Nelson, ao falar de sua juventude, destaca que sempre assumiu uma postura de liderança, seja em relação ao grupo de amigos, como veremos no segmento a seguir, ou no trabalho que veremos mais adiante. Notamos que ele não destaca o aspecto familiar, ao falar dessa época, só menciona suas relações de amizade.

Nelson: Detalhes é muito pessoal, pois **eu sempre fui uma pessoa que gostava de participações em grupo**, eu nunca fui individualista, e **eu tinha uma certa tendência pra liderar**, então quando ia formar grupo, **todo mundo ficava dependendo de mim**, que eu tomasse iniciativa, e isso desde o tempo... Eu fui escoteiro do mar, **em todas essas funções que havia coletividade eu chegava ao máximo**. (SEGMENTO 30)

Nelson explica como costumava se divertir na época de sua juventude, como se organizava junto aos amigos e que lugares freqüentavam.

Nelson: Tinha dois grupos, um era assim pra tudo, jogar futebol e diversões e um grupo só pra dança, esse só gostava de dança.

Renata: E tinham muitos lugares pra dançar?

Nelson: Tinham aqui em Niterói tinha, em todo lugar, tinha o Central, Canto do Rio, Esporte Clube Natação, no Barreto tinha um... me fugiu agora, mas tinha muitos clubes.

Renata: Clube Português?

Nelson: Não, o Português apareceu muito depois, agora tinha muitos **bailes de formatura**, qualquer coisa tinha baile de formatura, todo final de ano tinha quatro, cinco bailes de formatura e nós não perdíamos nenhum, ah eu esqueci do Regatas e Ipc. (SEGMENTO 31)

Miriam também costumava freqüentar os bailes de formatura e conta um pouco a respeito alinhando-se como filha preferida.

Miriam: Era, todo ano tinha, era tão gostoso a gente era chamada pra dançar aquela valsa, uma coisa muito linda. Minha formatura no Regatas, a gente dançando a valsa no Regatas, em 73 que me formei, e **minha mãe me botava muito bonita, pois o sonho da minha mãe tudo era eu**, ela dizia assim, “eu quero ver você tão linda”, aí comprava aquelas roupas, aquelas coisas todas e me botava. (SEGMENTO 32)

No segmento a seguir Nelson continua falando sobre sua juventude e diferencia o tipo de divertimento aderido pelos rapazes e pelas moças naquele tempo.

Renata: E o senhor também ia muito no cinema né? Que o senhor falou no grupo?

Nelson: Tinha um grupo que toda segunda-feira e toda quinta-feira iam comigo, um grupo de uns oito ou nove pessoas, **tudo rapaz só.**

Renata: ah era só homens.

Nelson: esse era só homem, o grupo de jogar futebol, **onde entrava mulher era só no grupo da dança.**

Renata: E as mulheres tinham essa liberdade também de sair à noite? Como que era?

Nelson: Só a minha que não tinha, todas as outras tinham. (risos).

(SEGMENTO 33)

Para Muxel¹⁶ (2002) a memória familiar ultrapassa a simples ligação entre passado e presente, é como um baú que guarda lembranças de infância, interesses, omissões, esquecimentos, saudades e pesares de hoje. Assim, a lembrança da história familiar não é descrita como uma única forma de pertencimento ou de rejeição, podendo então, a família ser o espaço tanto de felicidade quanto de conflitos e tristezas. Neste contexto, vemos que Miriam em seu discurso alinha-se como vítima das fatalidades de sua vida, desde a morte de seus entes queridos até o casamento indesejado.

Renata: Você acha que sua vida mudou muito depois do casamento?

Miriam: Tudo mudou, eu fiquei complexada, medrosa, insegura.

Renata: Você acha que você perdeu suas amizades?

Miriam: Sim **eu fiquei muito solitária**, aí eu comecei a escrever muito, escrevi muito, das festas que eu fui, escrevi um texto dizendo... ‘Um dia minha mãe, você me dá a maior festa, me botou linda de branco, com um buquê de rosas, entrei na igreja tava tudo branco, quando eu cheguei no altar, onde tá Deus? Eu falei baixinho, “Deus me perdoe, eu não sei nem o que eu tô fazendo aqui, me perdoa, me perdoa, eu quero que minha mãe seja muito feliz”.

Renata: Então você fez isso por ela?

Miriam: Fiz, mais por ela, mas **eu nunca pensei que Deus tirasse toda minha família.** Tudo que eu fiz, não adiantou nada. (SEGMENTO 34)

¹⁶ Tradução realizada por Beatriz Pinto Venancio, para utilização em aula ministrada no curso de Mestrado em Política Social do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, UFF, baseada no livro MUXEL, Anne. Individu et memoire familiale. Paris: Nathan/VUEF, 2002.

Halbwachs afirma que a visão retrospectiva da vida familiar depende da posição atual dos indivíduos na família. Além disso, é sinalizado também que a representação da família não é constante, nem temporal, havendo, assim, uma variação do modelo familiar, que depende da trajetória de vida e do espaço de ação enquanto portadores de papéis sociais familiares (apud BARROS, 1989, p.75). Assim, podemos observar, no segmento acima, que Miriam evidencia seu alinhamento de família, ocupando vários papéis, ora de filha, ora de irmã, outras de esposa, e algumas vezes, poucas, de mãe, destacando sempre uma identidade de mulher sacrificada e sofredora.

Nelson também abordou em seu discurso sua vida pessoal no que diz respeito ao casamento. Entretanto, a forma como discursiviza esta etapa de sua vida, se dá de maneira bem distinta de Miriam, como podemos observar a seguir.

Renata: O senhor conheceu a sua esposa, foi o que, no clube?

Nelson: Criei, eu criei ela.

Renata: o senhor criou? (risos).

Nelson: É eu conheci ela, ela ainda tava no colégio, estudava no Aurelino Leal, aí se formou, é, agora eu não sei se te interessa...

Renata: Não, o senhor pode falar.

Nelson: Nós namoramos 8, quase 9 anos, porque **eu tenho um sistema que eu não gosto de dever nada a ninguém**, e eu não dependi de presente de ninguém, **eu comprei tudo, só casei quando tinha comprado tudo que era necessário**, então por isso que demorei esse tempo, e ainda tinha um sogro que não queria que a gente casasse, ele achava, que eram três irmãs, todas as três noivas, ele achava que, aquela companhia ele não queria perder, então quando falava em casar ele falava, não, é besteira é besteira.

(...)

Renata: Então você decidiu não voltar estudar e resolveu fazer o que?

Miriam: (...) então, antes do papai morrer, ele falou, “filha, eu tô doente, vou morrer, eu queria que você se casasse, papai queria ver a gente casada, com filhos aquela coisa toda, então eu falei, mas papai, eu não gosto dele, papai então me disse, “*não tem problema filha, no casamento com o tempo você vai aprendendo a gostar*”. Então ele falou, “*então vou dar sua certidão pra ele, vamos fazer uma festa linda e você vai entrar na igreja e vai ser a coisa mais linda*”. **Aí fez a festa, tudo lindo, botei o vestido de noiva**, só que quando entrei na igreja, tudo lindo, **aquela música tocando assim**, eu levei um susto e pensei que nada daquilo me pertencia, não era nada do que eu queria. (...) Mas aí eu já tava de noiva, não tinha mais como voltar, aí casei. (SEGMENTO 35)

Nelson ao contar sobre seu casamento evidencia uma diferenciação da construção de memória baseada no gênero, pois enquanto Miriam relembra com detalhes sua sensação ao entrar na igreja, da música que tocava, o que sentia pelo noivo, o vestido de noiva e etc, Nelson lembra com orgulho de que não dependeu de ninguém para casar, “**só casei quando tinha comprado tudo que era necessário**”, mostrando sua visão diferente do casamento, que seria relacionada às obrigações do homem e provedor do lar. “**eu tenho um**

sistema que eu não gosto de dever nada a ninguém”. Ou seja, um baseia-se na emoção, nos sentidos, e o outro na razão e em aspectos materiais.

Nelson contou um pouco sobre como conheceu sua esposa, o que costumavam fazer em Niterói e onde iam namorar. Vemos no segmento a seguir que ele fala novamente a respeito da criação que o pai “durão” de sua esposa dava a mesma.

Renata: Na época da juventude, o senhor falou que conheceu a sua esposa, ela tava ainda no colégio né, falou que criou ela, e o senhor saia pra se divertir? Conheceu ela num clube? Como foi?

Nelson: Eu conheci com um grupo de dança, ela não era muito de...**o pai dela era português, era durão, e ela não tinha muita liberdade**, mas em algumas vezes ela juntava nesse grupo de dança, era no Centro aqui, não era no Fonseca não, então ela dançava e eu a conheci.(...). Eu vou me abrir de todo jeito pra você, nós namorávamos escondidos, em Niterói, no Jardim São João, nós namorávamos ali, e a casa dela era perto, na Rua Visconde do Uruguai perto da Rua Silva Jardim, a gente se encontrava lá, um dia a gente tava sentado pertinho da igreja, sentado em um banco conversando, o pai dela chegou e falou: O que fazes aí? Por que que vocês não vão lá pra casa? Aí desde esse dia, aí era uma casa comercial, uma quitanda, desde esse dia eu passei a ir lá.

Renata: Ele permitiu o namoro, lá na casa.

Nelson: Do modo que ele falou, ele permitiu, “porque não vão pra casa” né...
(SEGMENTO 36)

É interessante observar que, neste segmento, há uma elocução de Nelson que marca sua mudança de alinhamento (“Eu vou me abrir de todo jeito pra você”), colocando-me numa posição discursiva não mais de entrevistadora, mas de confidente. Assim, observamos aqui a passagem do enquadre entrevista para o enquadre confiança, co-construído por ambos os participantes da interação.

Nelson comenta sobre a criação rígida dada pelo sogro a sua esposa, mas em outro momento da entrevista também se reconhece como um pai rígido para seus filhos e conta um pouco sobre o tipo de educação dada a eles, que foi uma forma de reprodução da educação recebida por ele do seu pai.

Nelson: (...) Meu filho por exemplo diz que eu fui muito **durão** com ele, mas ele não bebe, não fuma, não joga, minha filha não bebe, não fuma, então aí, isso tudo eu passei pra ele **o que eu recebi, passei do modo que eu recebi, o modo que meu pai me tratava eu tratei também**, e ele já tem mais dificuldade, ele tem três filhos, mas ele já dá mais liberdade, o mais velho já chega junto dele, agora os outros dois já bebem, já fumam, são mais problemáticos, o filho do meio ele é rebarbativo. (SEGMENTO 37)

Vemos que Nelson aqui faz uma crítica às transformações do modo de educar os filhos de hoje, visto que seu filho, por não seguir o seu padrão rígido de criação, acabou não alcançando os mesmos êxitos que ele, já que seus netos fazem coisas que seus

filhos não fizeram, como beber e fumar, por exemplo, devido ao excesso de liberdade dado a eles. No entanto, pudemos notar neste segmento que a exposição das lembranças de Nelson, neste momento, segue um pouco o formato de história de vida, tirando a cidade de Niterói do foco. Já Miriam, ao falar sobre este assunto – as transformações no meio familiar – faz uma relação entre família e cidade, como veremos no próximo segmento.

Miriam: (...) **Então naquela época pra crianças, pros meus filhos nada fazia mal**, eles podiam correr na calçada brincar, nas pracinhas **a gente ficava conversando no Campo São Bento, que era a coisa mais linda, a gente sentava e ficava ali, as crianças brincando debaixo das árvores. Hoje não, hoje se entrar com uma criança no Campo de São Bento cheio de barraquinhas de coisas comestíveis, hoje você não pode mais isso, que é gente vendendo de tudo e de tudo que é jeito, é gente com cachorro pra tudo que é lado, não se pode largar as crianças senão corre o risco de sumir.** (SEGMENTO 38)

Miriam aqui faz uma reflexão sobre as conseqüências das transformações da cidade para a educação e o modo como lidar com as crianças de hoje. Primeiramente, ela recorda que antigamente havia segurança e que era possível levar as crianças à praça para brincar com mais tranqüilidade (“Naquela época pra crianças... a gente ficava conversando no Campo São Bento, que era a coisa mais linda, a gente sentava e ficava ali, as crianças brincando debaixo das árvores”), diferentemente dos dias atuais, quando isto tornou-se uma atividade arriscada (“hoje se entrar com uma criança no Campo de São Bento... não se pode largar as crianças, senão corre o risco de sumir”).

3.2.2 MEMÓRIAS PROFISSIONAIS

A entrevista com Nelson foi fortemente marcada pelas lembranças do mesmo em relação as suas experiências profissionais, e na maior parte de sua narrativa alinha-se como um homem trabalhador/profissional.

Logo no início da entrevista ele afirma que sempre adorou grupos, e o trajeto que fazia de sua casa em Niterói para o trabalho no Rio era mais uma ocasião para se fazer amigos e formar grupos.

Nelson: Bom eu trabalhei no Rio durante muito tempo, há princípio fui trabalhar numa ilha, mas depois passei pra superintendência técnica [?] aí comecei a fazer esse trajeto, mas no meu tempo não tinha não, não tinha ponte, eu fazia de barca, um passeio gostosíssimo que era, diariamente a gente fazia isso, **já tinha até grupos que viajava juntos né**, todo dia ia para o

trabalho no mesmo horário, **tinham grupos que até se identificavam mais.** (SEGMENTO 39)

No decorrer da entrevista Nelson alinha-se como o bom e competente funcionário que alcançou prestígio em seu emprego por seus próprios méritos. No trecho a seguir ele fala com orgulho a respeito dos seus feitos na época em que trabalhava num estaleiro.

Nelson: (...) No estaleiro, pra você ter uma idéia, eles tinham dois diques, portões **que eu projetei e construí.** Os portões dos diques de numero 1 e numero 2, **fui eu que fiz,** mas, mesmo assim, ainda levei ao meu chefe, pra ele revisar, mas fui eu que fiz. (SEGMENTO 40)

As pistas de contextualização emitidas em seu discurso, como, “que eu projetei e construí” e “fui eu que fiz”, demonstram seu alinhamento como àquele que produz e é indispensável, o que se torna ainda mais evidente no próximo segmento.

Nelson: (...) algum tempo depois, um ano, mais ou menos, o ministério me chamou e arranjou uma colocação pra mim, e me colocou no arsenal da Urca, no exército, pra ser desenhista lá, fui lá pra fazer projetos...mas lá tinha uma coisa, lá eu tinha que entrar às sete horas e sair às cinco horas e a minha carga de trabalho sempre foi seis horas, aí eu fui e falei com ele que não dava não, menti, que não dava, estava me obrigando quase que a fazer continência, igual aos soldados lá, e eu tinha uma oferta pra mim no tribunal eleitoral, isso que eu menti. Aí ele chamou um coronel lá, “transfere o homem!” Passou quinze dias eu tava lá ainda, aí eu falei com ele: “o senhor disse que ia me transferir e eu tô aqui”, aí ele falou...não lembro o nome, “fulano? Por que ainda não transferiu o homem?” **“Ah porque tá difícil achar outro igual e vai ter dificuldade de botar outro no lugar”** “eu não disse pra transferir o homem? Transfere o homem!” E no dia seguinte eu fui embora. (SEGMENTO 41)

Nelson deixa transparecer em sua fala sua valorização como profissional que, de acordo com a elocução em negrito, era considerado como necessário em seu trabalho e de difícil substituição.

Renata: Aí o senhor foi pra onde?

Nelson: Fiquei em casa novamente.

Renata: Ficou a disposição.

Nelson: Voltei à disposição. Aí me apareceu um amigo, (...) agora botando em experiência comercial, ele queria me arrumar um supermercado no Largo do Marrom¹⁷, (...) **me chamou pra gerente,** ele me convidou, e eu disse “ué, não tô fazendo nada” aí fui pra lá, fui ser gerente. **Fiquei com toda responsabilidade,** eu abria, fechava, eu tinha, sempre tive automóvel, quando tinha problema de entregar compras, eu dizia “bota aqui eu entrego” (?) um salário mínimo. (?) “você arruma outra pessoa pro meu lugar”. (?) Saí. Passado tempo, eles mudaram de ramo. Fizeram uma loja de móveis chamada agora de Casebre, no Largo do

¹⁷ O Largo do Marrom faz parte do bairro Santa Rosa em Niterói.

Marrom, voltaram pra mim, **me convidaram pra ser gerente também**, aí eu fui lá, disse “olha lá o que vocês vão arranjar” (...) aí fui pra lá, fiz a mesma coisa, **fui o dono da casa, eu levo mesmo jeito pra gerir, pra mandar não, (risos), é é, acho que nasci pra isso**. Mas, aí chegando fim do mês, **salário mínimo e uma bonificação de 50%**. Ah eu disse “**é muita responsabilidade pra...chega, pra mim chega de negócios com vocês**”. (SEGMENTO 42)

Nesse segmento podemos observar, através das pistas de contextualização destacadas, que Nelson aborda mais uma vez seu prestígio, agora não dentro da empresa em que trabalhou, mas entre as pessoas que o conheciam, como este amigo, que o convidara por duas vezes para trabalhar com ele como gerente, e entregara o negócio em suas mãos, demonstrando confiança nele, (“fui o dono da casa”). Neste momento vemos que Nelson reconhece esta tarefa como uma vocação (“eu levo mesmo jeito pra gerir, (...) acho que nasci pra isso”).

Alinha-se como depositário de responsabilidades, profissional dedicado, com iniciativa, alvo de convites para gerência em diferentes tipos de negócio, ancorando seu ponto: o destaque para sua reconhecida e incontestável competência profissional.

Mesmo após a aposentadoria Nelson não parou de desempenhar alguma função profissional, pois, segundo ele, não consegue ficar sem trabalhar.

Nelson: (...) mas como você sabe, a gente não pode... quem tá habituado com a vida em movimentação, **eu tinha que arranjar qualquer coisa**. Aí eu ficava no clube, ficava tomando conta de quem jogava papel no chão...(?) eu tinha que arranjar uma coisa. **Aí fui numa excursão feita pela, pelo SESC, gostei do negócio**, da excursão, aí a minha...disse “vamos pra São Lourenço?” eu disse “vamos”, isso foi em 97, **até hoje eu tô fazendo excursão. Faço três, quatro excursões por ano**. (SEGMENTO 43)

Renata: O senhor organiza? Ou não...

Nelson: Faço tudo.

Renata: Então o senhor organiza...e dá aulas né? As aulas de dança o senhor já dava antes, ou depois que o senhor parou de trabalhar que o senhor passou a dar? Como é que foi?

Nelson: Não depois, ao contrário, depois de uns 7 anos, mais ou menos, que eu resolvi fazer, que eu sempre dancei, mas tradicional, é dança doméstica, aí eu resolvi fazer dança de salão, aí eu aprendi. (...) **Aquilo que você sabe fazer bem você pode ajudar os outros e eu tentei fazer, tô tentando fazer, dando aula de dança**.

Renata: O senhor tá aqui há quanto tempo? Aqui no Espaço Avançado?

Nelson: Aqui no Espaço Avançado, eu tô há dez anos mais ou menos.

Renata: Desde que o senhor entrou aqui, que tem essa oficina de dança de salão?

Nelson: Não, é porque quando eu entrei aqui não tinha o curso, mas aqui tem uns 4 anos mais ou menos que eu tô dando aula. (SEGMENTO 44)

No início do segmento podemos observar que Nelson alinha-se como mentor e executor de iniciativas próprias (“Faço três, quatro excursões por ano”) ou seja, um homem empreendedor. Mais adiante destaca sua habilidade de rápida aquisição de

conhecimentos e capacitação (“aí eu resolvi fazer dança de salão , aí eu aprendi”) para tornar-se professor de dança no Espaço Avançado (Aquilo que você sabe fazer bem você pode ajudar os outros e eu tentei fazer, tô tentando fazer, dando aula de dança).

Miriam, diferentemente de Nelson, nunca trabalhou fora, pois segundo ela seu esposo não permitia por ser ciumento. Então, como a maioria das mulheres de sua época Miriam foi (e ainda é) dona de casa, dedicou sua vida aos cuidados da casa, do marido e dos filhos. Hoje participa do Programa de Extensão UFF Espaço Avançado e a atividade que mais gosta de participar é a Oficina de Teatro.

3.2.3 MEMÓRIAS NITEROIENSES

Tanto Nelson quanto Miriam estabeleceram um tom saudosista ao falar de Niterói em seus discursos, enfatizando como a cidade sofrera transformações negativas com o passar do tempo. Miriam volta a falar das casas tradicionais que havia em Icaraí e que foram substituídas por prédios, e demonstra que sua principal frustração não é a nova arquitetura do bairro, mas o fato desta nova arquitetura ter afastado as pessoas que ela conhecia dali.

Miriam: (...) quando eu casei, que eu casei em 66, em 66 já começou a construção de um monte de prédios. **Prédio, prédio, prédio, prédio...** aí já começou... eu assim... já **me sentir um pouco, assim, meia solitária.** Porque as, as pessoas que estavam ali, que moravam ali, a maioria que morava ali, começou aqui a ficar muito tumultuado, Icaraí, que o pessoal começou a ir morar em Itaipu, Pendotiba e Cambinhas. (SEGMENTO 45)

Já Nelson aponta novamente a construção da ponte como o principal fator para o aumento da população e a vinda da desordem para a cidade, trazendo, novamente, o ponto relacional entre Rio de Janeiro e Niterói.

Nelson: Eu lembro de Niterói quando eles apelidavam de dormitório do Rio, quando não existia essa ponte aí, era uma cidade pacata, uma cidade alegre, e **a ponte trouxe tudo, eu acho que o que tinha de ruim lá no Rio veio pra cá, depois da construção da ponte.** A cidade era maravilhosa mesmo, não ficava humilhado de ser dormitório do Rio não. (SEGMENTO 46)

Nelson evidencia fortemente em seu discurso a culpabilização da ponte por todas as transformações indesejadas que a cidade sofreu e sofre até hoje. Para ele Niterói se divide em antes e depois da Ponte Rio-Niterói.

Em sua fala, ao primeiro trecho, Niterói ganha qualidades positivas (“era uma cidade **pacata**, uma cidade **alegre...**”). Até mesmo a expressão estereotípica usada para se referenciar à Niterói como “dormitório do Rio” é reconfigurada por ele (“não ficava humilhado”). No segundo trecho, ao falar da ponte, ele traz a elocução “trouxe tudo” que, em seu contexto, permite-nos inferir a referência a todos os aspectos negativos atuais da cidade de Niterói.

A mágoa, ou trauma, que ele sente em relação à construção da ponte é tanta que, no final da entrevista, quando perguntei se ele pudesse escolher alguma coisa daquela época, o que traria de volta pra Niterói, ele respondeu: “eu botava abaixo aquela ponte”.

Miriam considera, como uma das conseqüências do progresso em Niterói, as mudanças nos costumes da população como veremos no segmento a seguir.

Miriam: Você chega em Icaraí, **você não pode atravessar uma rua, um cadeirante não pode atravessar, porque não tem espaço**, e, no entanto hoje, na praia, por exemplo, chegando na praia, **todo mundo correndo pela praia de bicicleta a toda**, antigamente não, você chegava na praia, tinha as senhoras andando pela praia de bengala andando devagar, as pessoas tinham o costume de andar mais devagar, **tinham menos pressa, hoje as pessoas têm pressa de tudo.** (SEGMENTO 47)

As partes do segmento em destaque evidenciam transformações que não podemos considerar como mudanças dos hábitos da população unicamente de Niterói, pois vemos que as transformações no comportamento humano, na contemporaneidade, é algo presente em diversos outros centros urbanos. O que importa aqui é o modo como Miriam traz esta questão em relação à cidade de Niterói, demonstrando que sua crítica não é relativa apenas às transformações que a cidade sofrera nos seus espaços físicos com o decorrer do tempo, mas aos seus moradores. Podemos observar esta crítica através da comparação que ela faz de como as pessoas agem hoje (“você não pode atravessar uma rua, um cadeirante não pode atravessar, porque não tem espaço,... todo mundo correndo pela praia de bicicleta a toda...hoje as pessoas têm pressa de tudo.”) e como as pessoas agiam no passado (“antigamente não, você chegava na praia, tinha as senhoras andando pela praia de bengala andando devagar, as pessoas tinham o costume de andar mais devagar, tinham menos pressa”).

Nelson contou que nasceu na Rua Visconde do Uruguai, depois da Rua Silva Jardim, no centro de Niterói, no entanto não tem lembranças de sua primeira casa, pois quando ainda era muito pequeno mudou com sua família de endereço, para outra rua no mesmo bairro. Nelson passou a maior parte da infância e juventude morando no centro de

Niterói, embora tenha morado em várias ruas e casas, só após seu casamento é que se mudou para o Fonseca.

Ele esclarece que havia uma questão do bairrismo na cidade, em que os moradores de certos bairros não se “misturavam” com moradores de alguns outros. Ele, por exemplo, morava no centro da cidade, freqüentava o clube Canto do Rio, e criticava os moradores do Fonseca, onde mais tarde ele foi morar.

Renata: E o senhor morou bastante tempo no Fonseca?

Nelson: No Fonseca morei uns 50 anos, em 53 cheguei lá, saí de lá em 2005. 52 anos.

Renata: E como que era o bairro na época? Era a mesma coisa que hoje?

Nelson: Era uma maravilha, **tudo era diferente**, o pessoal diz que nós éramos saudosistas, mas não era não, é que tudo, nós tínhamos o bonde, ele vinha do Cubango, entrava na Alameda, fazia a manobra, pra voltar pro Cubango. Ele fazia na frente da minha casa, na pracinha eles faziam isso. A gente escutava o barulho da roda, **o barulho agudo que ele faz**, mas tinha tudo ali, tinha uma pracinha muito boa, ali o carnaval, a gente via o desfile ali da, os blocos do bairro. **Isso tudo acabou, na Alameda sumiu tudo. Não existe mais bloco, não existe mais nada.** (SEGMENTO 48)

Apesar das críticas ao passado, Nelson hoje tem muito orgulho dos anos que viveu no Fonseca e conta com detalhes como era o bairro antigamente, desaprovando as transformações que o bairro sofrera com o passar do tempo.

Ele traz nesta sua fala uma riqueza de detalhes que trazem um colorido especial as suas memórias (movimentos, barulhos, lugares) que culminariam na melancolia da não existência, do aniquilamento da vivência (“Não existe mais nada”).

Já Miriam contou que sempre morou em Icaraí, desde que veio com a família para Niterói, somente recentemente se mudou para o centro da cidade.

Miriam: (...) minha sogra me deu um apartamento no centro de Niterói, porque eu morei em 43 anos em Icaraí num apartamento que ela tinha me dado pra eu morar, mas agora Priscila [filha dela] casou, há dez anos, Mauro [filho dela] casou, há oito, então o apartamento era muito grande e eu ia ficar muito cansada, entendeu? A moça que trabalhava comigo, durante 25 anos ela fazia as coisas, me ajudava, aí ela se aposentou, ficou de INPS, **então eu fiquei sozinha**, não quis colocar outra pessoa, porque meu marido já estava acostumado com ela, então foi muito difícil ele conviver com outras pessoas, que ele nem assim com amigas minhas ele não gosta, então eu peguei, ela aposentou e eu tive que vir pra Niterói¹⁸, minha sogra me deu um apartamento no centro de Niterói. (SEGMENTO 49)

Em muitos momentos de seu discurso Miriam demonstra insatisfação em sentir-se solitária. Não só dentro de casa, como acabamos de ver no segmento anterior, mas no próprio bairro, que segundo ela, após a vinda do progresso e das transformações

¹⁸ Alguns moradores de Niterói dizem que vão à Niterói, quando querem dizer que vão ao centro da cidade.

arquitetônicas, as pessoas que ela conhecia foram saindo de Icaraí, e ela veio sentindo cada vez mais uma sensação de desterritorialização.

Miriam: hoje em dia você não conhece ninguém mais, pois é muita gente, hoje em dia eu vou em Icaraí, eu sinto uma tristeza, de não ver ninguém que eu conheço, antigamente você andava, encontrava conhecidos, que dizem, e aí como que vai? e seus filhos?... Você tá tão bem, vamos marcar de ir lá em casa. Era tão legal, como se fosse uma família, vários lugares, você conhecia muita gente. Hoje em dia você anda em Icaraí, **muita gente estranha, você sente como se entrasse num lugar que não é seu.** (SEGMENTO 50)

Nelson também fala a respeito das mudanças em Icaraí, demonstrando que não foram apenas as transformações do Bairro do Fonseca que o abalaram, mas da cidade como um todo, como podemos observar no próximo segmento, através das pistas de contextualização em negrito, através das quais ele elogia as mansões de antigamente associadas aos verbos no pretérito, e critica as novas construções, empregando verbos no presente.

Nelson: Agora Icaraí, por exemplo, **era** cada mansão linda na beira da praia, que **desapareceram** e continuam desaparecendo, agora, não na praia, que **não tem mais espaço**, mas na periferia tem. É um monte de construções novas, **muito espigão de 30 andares.** (SEGMENTO 51)

De acordo com Bosi, “há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação”. (2003, 206). Deste modo, as mudanças na arquitetura da cidade provocam, muitas vezes, um descontentamento por parte dos moradores mais antigos que não aceitam este “progresso”, resistindo às mudanças.

Miriam também fala das transformações ocorridas em Icaraí, e através do segmento seguinte podemos observar como ela percebe este processo.

Miriam: (...) a Moreira Cezar **era cheia de mansões**, aí, a gente começou a ver o seguinte, os velhos morriam, os filhos que ficavam, no outro dia vendia a casa, torrava, pra construir um prédio. Então **onde morava uma família, fazia-se um prédio com 40 apartamentos**, com garagem, não tinha lugar pra colocar os carros, e ficavam aqueles carros na rua. Até a Roberto Silveira, era considerado Icaraí, **da Roberto Silveira pra lá já era considerado Santa Rosa** que era um bairro mais simples. Acontece que **a imobiliária começou a chegar lá pra ganhar dinheiro, botou Jardim Icaraí, como se fosse tudo Icaraí, então os apartamentos passaram a custar uma fortuna, o IPTU ficou mais caro.** (SEGMENTO 52)

Ao falar sobre as mudanças ocorridas em Icaraí, Miriam lembra outra consequência de tais transformações, o excesso de veículos no bairro, aspecto que também foi abordado por ela e outros idosos na entrevista grupal, como vimos no capítulo anterior.

Veremos, no segmento abaixo, que Nelson também aborda esta questão, do excesso de veículos na cidade, apontando o fato como mais uma consequência da construção da ponte.

Nelson: (...) porque o transito mudou muito, tanto que tiraram os bondes né, então cresceu o número de ônibus, e cresceu também o volume de tráfego. **A ponte facilitou muita coisa**, mas de manhã é uma coisa horrível, e depois de seis horas pior ainda, agora ainda pior com essas vans aí, que aumentou muito. A quantidade de veículos na Alameda, fica difícil, eles fizeram uma obra agora que eles julgam que vai dar resultado, pra mim não vai dar. (SEGMENTO 53)

Vemos neste segmento que pela primeira vez Nelson atribui um aspecto positivo a ponte, como podemos ver na oração em negrito, no entanto, logo depois ele torna a criticar a consequência da falta de planejamento na construção da saída da ponte, que acarreta na desorganização do trânsito nos horários de pico, devido ao acúmulo de carros, como já havia explicado no grupo focal.

Renata: Fala-se muito do crescimento da cidade, mas a cidade em extensão não tem muito pra onde crescer, então ela foi crescendo no centro mesmo mais né?

Nelson: É ali no Centro mesmo e eles cresceram também pra dentro da baía.

Renata: O aterro né?

Nelson: É. **Aterraram demais aquilo ali**. Tanto é que eles fizeram o caminho Niemeyer lá, **tudo aquilo é aterro**. As construções antigas que tinham ali, que só tinha uma rua, o resto era praia, eles estenderam aquilo **numa enormidade**, um **aterro tremendo** que fizeram ali. (SEGMENTO 54)

Neste segmento vemos que Nelson explica que o crescimento do centro de Niterói ocorreu através da construção de um aterro da praia que havia no centro, onde hoje encontra-se as barcas, o shopping Bay Marketing, o terminal Rodoviário, o Carrefour, o caminho Niemeyer, como ele mesmo citou, entre outras coisas.

Por falar em Niemeyer, no próximo segmento, Miriam cita o Museu de Arte Contemporânea, o MAC, localizado em Boa Viagem, criado pelo famoso arquiteto, e que segundo ela é bastante conhecido e procurado pelos turistas, tornando-se o atual cartão postal da cidade, que antigamente era a estatua do índio Araribóia, no centro da cidade.

Miriam: (...) Outra coisa que eu fico impressionada é com aquele MAC ali né, aquele museu, o que tem de gente estrangeiro e do Rio perguntando onde é que tem o ônibus pra ir lá, porque aquilo ali também **ta muito bonito**. Que a referência de Niterói era o Araribóia, tudo era o

Araribóia, agora não, **Araribóia aposentou um pouco, descansou, então agora é esse MAC**, todo mundo pergunta por ele. **E é muito lindo.** (...) (SEGMENTO 55)

No entanto, Miriam não critica esta mudança, pelo contrário, elogia uma arquitetura recente e moderna que hoje compõe a cidade, o MAC, **“tá muito bonito”, “E é muito lindo”**. Demonstrando que a reorganização do espaço, a modernização da cidade, não é vista apenas como negativa.

Miriam: Eu acho que o progresso beneficiou muito, por exemplo, Niterói é conhecida no mundo inteiro, por causa do MAC, todo mundo do Rio tá vindo morar aqui, todos os atores de televisão, você vai em Itacoatiara e Itaipu estão lá. (SEGMENTO 56)

No final da entrevista de Nelson, perguntei a ele se havia alguma lembrança marcante em relação a algum acontecimento histórico, ou que tenha sido importante para a cidade e que ele gostaria de mencionar. Imediatamente ele lembrou do episódio famoso e trágico do incêndio do Gran Circus Norte Americano, em 1961.

Renata: Seu Nelson, só pra gente começar a finalizar, eu queria saber se ocorreu algum acontecimento na cidade de Niterói, ou recentemente, ou mais antigamente, que seja marcante assim para o senhor...um acontecimento histórico ou alguma coisa que o senhor lembra muito.

Nelson: Ah um eu não me esqueço nunca. Foi o incêndio do Circo, **que eu tava lá dentro.**

Renata: O senhor tava dentro do circo?

Nelson: E **se eu não tenho aquela liderança**, não só nós como meus amigos também que um amigo foi com os filhos também e eu fui com os meus também. Na hora que começou a pegar fogo correndo pela lona, a esposa do meu amigo se apavorou e subiu direto na arquibancada, **eu que dei um berro e falei “desce por aqui”**, ela desceu por baixo da arquibancada, porque o pessoal tava correndo tudo ao lado do picadeiro, tinham as saídas ali, então todo mundo tava correndo pra sair dali, mas todo mundo, o circo tava lotado sabe.

Renata: Eram quantas pessoas?Mais ou menos seu Nelson?

Nelson: Ah deviam ter umas quatro mil mais ou menos.

Renata: Nossa! Era muito grande né?

Nelson: Era, o circo era enorme. Então, eu desci, até minha filha caiu a sandália dela, **“larga isso pra lá”, desci, mandei o pessoal sair**, saí num (?) que cercava abri o zíper e saí, nós oito né, nós saímos aquilo tudo “puf” aquilo caiu, a lona caiu direto em cima daquele pessoal todo, morreu pisado, morreu abafado, morreu queimado, em nem olhei mais pra trás.

Renata: Morreu muita gente né?

Nelson: Morreu muita gente.(SEGMENTO 57)

Neste segmento Nelson narra sua experiência na participação de uma grande tragédia ocorrida na cidade que até hoje tem repercussão na mídia. Recentemente, o desastre do desabamento no Morro do Bumba obteve grande destaque, devido às fortes chuvas, no bairro Cubango em Niterói, em que 200 pessoas ficaram soterradas. O deslizamento, que

atingiu o Morro na noite de 8 de abril de 2010 (G1,08/042010) e trouxe à tona os episódios trágicos já ocorridos na cidade e o incêndio do circo, foi lembrado e comentado pela mídia.

Há 49 anos, outra tragédia marcou Niterói

Incêndio no Gran Circus deixou mais de 400 pessoas mortas

Simone Candida

- A catástrofe no Morro do Bumba fez os niteroienses reviverem uma outra tragédia que marcou a cidade: o incêndio no Gran Circus Norte-Americano, que matou mais de 400 pessoas, principalmente mulheres e crianças, em 17 de dezembro de 1961. Cerca de 2.500 pessoas estavam assistindo ao espetáculo.

O médico sanitarista Waldenir Bragança, de 78 anos, que foi prefeito de Niterói entre 1983 e 1988, trabalhou no socorro às vítimas do incêndio e ainda hoje se recorda dos momentos de horror. Ele lembra uma triste coincidência: nas duas tragédias, a emergência do Hospital Universitário Antonio Pedro (que pertence à UFF) estava fechada.

— Eram dezenas de corpos queimados, gente cega e muitas crianças. Na época, foi montado um esquema especial para atendimento no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba. Clínicas particulares também ajudaram.

A direção do Hospital Antonio Pedro diz que, apesar da emergência em obras, as equipes estão atendendo as vítimas em caráter excepcional. ■

(O Globo, 09/04/2010)

O que chama atenção no discurso de Nelson, ao contar o sufoco que passou para se salvar do incêndio, é o fato dele destacar, mais uma vez, sua posição de liderança, “**se eu não tenho aquela liderança**”, e como esta característica o ajudou a ter iniciativa para sair junto da família e dos amigos daquela situação.

Miriam recordou exatamente o mesmo episódio quando, ao finalizar sua entrevista, fiz a mesma pergunta a ela, que narrou da seguinte forma:

Renata: Miriam, você lembra de algum fato, algum acontecimento histórico que tenha te marcado que aconteceu em Niterói?

Miriam: Bom ou ruim?

Renata: Tanto faz, um acontecimento que tenha te marcado, na cidade e que você estava presente.

Miriam: Quando eu tinha 14 anos, eu comecei muito a vir pra Niterói que foi na época que eu conheci meu marido, e nós estávamos sentados no banco da praia, e duas meninas que estudavam comigo no São Vicente, nós estávamos batendo papo, de repente a Regina chegou perto de mim e falou, olha vai inaugurar um circo em Niterói, vamos todos juntos assistir? E comentando que viu um monte de bichinhos quando vinha pra cá de ônibus, e de repente veio um elefante, um cara montado no elefante, um palhaço fazendo propaganda, do Gran Circus Norte Americano, sem brincadeira nenhuma, destino é uma coisa muito engraçada, meu

marido falou assim: vamos? Eu falei: não. Eu tinha vontade de ir pra conhecer ele, que eu tava conhecendo ele naquele dia, e minha irmã ficou amiga dele, aí eu falei: não vou poder ir porque minha irmã não vai poder ir, eu gostava de ficar de tarde com a minha irmã. Aqueles jovens todos da Moreira Cezar, todo mundo de Icaraí, eles foram pro circo, tinha uma meninazinha minha vizinha que eu me lembro dela até hoje cantando aquela música “Tomo um banho de lua, fico branca como a neve”, então no dia foi ela, a mãe, o pai e o irmão, morreu todo mundo ,só sobrou o irmão, então quando aquilo aconteceu me marcou muito, foi um choque tão grande pra gente morador dali, pois a gente conhecia tanta gente que morreu ali no circo, uma coisa espantosa, aquilo ali, foi na época mais ou menos que a gente chegou, e logo que eu perdi meu pai, eu sempre pensava nisso. (SEGMENTO 58)

Interessante os dois entrevistados terem mencionado este episódio durante as entrevistas individuais e não terem lembrado-se do mesmo no dia da entrevista grupal. E a Revolta da Cantareira, lembrada por Miriam no grupo focal, não foi mencionada por ela, nem por Nelson, nas entrevistas individuais.

No que se refere à memória relacionada à tragédia do incêndio do circo, vemos que Nelson narra o acontecimento de acordo com o que ele viu e presenciou, por estar no circo na hora do ocorrido; já Miriam narra a história conforme as informações que recebera, por tabela, pois não estava presente, então o que lembra está relacionado as pessoas que conhecia que foram e morreram no incêndio e na repercussão causada em toda a cidade na época.

Ao finalizar as entrevistas, pude notar mais uma vez os alinhamentos de cada entrevistado. Nelson respondeu minha última pergunta colocando-se a minha disposição e demonstrando preocupação sobre se as informações concedidas me seriam úteis, enquadrando-se como entrevistado.

Renata: Tem mais alguma coisa que o senhor quer dizer?

Nelson: Não, estou a sua disposição. Qualquer...

Renata: Então, obrigada seu Nelson, por ter participado...

Nelson: Espero que tenha servido.

Renata: Com certeza serviu.

(SEGMENTO 59)

Já Miriam, após escutar a mesma pergunta, olhou para o teto, deu um suspiro e respondeu:

Miriam: Olha, a única coisa que eu gostaria de dizer é que Niterói me deu tudo, tudo que eu desejei na vida. Me deu as ruas, me deu as amigas, me deu meus filhos, Niterói só ficou me devendo uma coisa, ficou me devendo, mas um dia se eu morrer e voltar, eu quero voltar pra cá, e que seja um grande amor, muito sincero, muito carinhoso, que tudo isso que eu não pude dar, que um dia eu possa, e que seja assim, aquele sentimento sincero, eterno como foi o amor do meu pai com a minha mãe. (...) só isso que Niterói me negou, mas o resto não.

(SEGMENTO 60)

Mais uma vez, Miriam explicita seu alinhamento de mulher, mãe, filha, e principalmente, de moradora niteroiense romântica, sonhadora e apaixonada por Niterói.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar a construção da memória social de um grupo de idosos moradores da cidade de Niterói e frequentadores do Programa de Extensão UFF - Espaço Avançado da Universidade Federal Fluminense no que se refere às transformações ocorridas nesta cidade.

Para isso, realizei a investigação a partir da análise de uma entrevista grupal e duas entrevistas individuais, com idosos que participaram da entrevista grupal. As análises das referidas entrevistas, transcritas por mim, se deram com base no arcabouço teórico da sociolinguística interacional e da memória social. Para direcionar tais análises criei as categorias – “a valorização da cidade de Niterói”, “lembranças de caráter pessoal”, “a valorização da tradição”, “papéis sociais e identidades” e “o sentimento de pertencimento” – que ajudaram a organizar os discursos dos idosos entrevistados.

No decorrer do trabalho depus minha atenção, principalmente, na forma como se deu o processo discursivo de construção da memória dos idosos entrevistados para, assim, responder a questão desta pesquisa “como as transformações da cidade de Niterói são discursivizadas na construção da memória social deste grupo”.

Tanto na entrevista grupal como nas individuais investiguei como se dão as relações entre espaço, memória e identidade e observei que as transformações do espaço na cidade têm algumas implicações na relação entre memória e identidade desse grupo de moradores.

Costa considera que, “as intervenções imobiliárias dos especuladores produzem efeitos devastadores no cotidiano dos moradores”. Segundo ela, “os elos sociais¹⁹ são profundamente afetados e rompidos ao longo de sua existência. No âmbito de tal ruptura, com todas as suas conseqüências produzidas na vida da cidade, forma-se também e *pour cause*, um universo crescente de excluídos²⁰, cuja identidade social é afetada”. (2002, p.5).

Vimos que as modificações do espaço refletem na reorganização das pessoas em seu cotidiano e da dinâmica da cidade como um todo, o que, muitas vezes, provoca um

¹⁹ DUBAR, Claude. *La crise des identités: l'interprétation d'une mutation*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

²⁰ Segundo entendimento de Robert Castel, citado por Alfredo Bruto da Costa, exclusão social seria a “fase extrema do processo de marginalização, entendido como percurso descendente, ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade”. O fato de haver pobreza não significa que haja necessariamente exclusão social, pois a ruptura dos elos sociais se daria no prolongamento da experiência de desemprego, de perdas mais profundas que levariam às mencionadas rupturas. In: Costa, Alfredo Bruto da. *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998. Coleção Fundação Mário Soares.

descontentamento por parte dos moradores mais antigos que não aceitam o “progresso”, resistindo às mudanças, o que pôde ser observado em alguns discursos analisados, como, por exemplo, quando Nelson se refere à construção da ponte Rio-Niterói, ao afirmar que “o progresso que a ponte trouxe, para Niterói foi um prejuízo tremendo né. (...) Niterói deixou de ser aquela cidade pacata, calma...tudo que tinha de ruim do lado da vista linda veio para Niterói”. Bosi afirma que “faz parte da dialética do espírito moderno essa tensão diária entre transformação e a resistência” (2003, p.206). Vemos, assim, que a resistência de um morador diante das transformações dos espaços em sua cidade não se resume apenas a uma valorização de sua cultura, mas envolve também a necessidade de preservação da sua própria história e lembrança.

Observamos que, muitas vezes, essas transformações podem acarretar um abalo emocional, pessoal, a partir dos sentimentos de perda e de pertencimento, ou seja, um desenraizamento da pessoa que já não consegue mais identificar sua história naquele ambiente transformado. Bosi (2003) afirma que, “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”. (p.199). E acrescenta que:

“Quando a fisionomia do bairro adquire, graças ao trabalho ingente dos moradores, um contorno humano, ele se valoriza. Vêm as imobiliárias e compram uma casa, depois outra, o quarteirão. Os vizinhos se reúnem, querem resistir: os edifícios altos esmagam sua moradia, roubam-lhes o sol, a luz, o horizonte. As quadras são arrasadas, os velhos acuados”. (ibidem).

Essa citação me remete a uma fala de Miriam durante a entrevista individual: “Hoje em dia você anda em Icaraí, muita gente estranha, você sente como se entrasse num lugar que não é seu” (SEGMENTO 50).

Sobre isto, Halbwachs (2006) já mencionava: “Por trás das novas fachadas, por avenidas bordejadas de ricas mansões recentemente construídas, nos pátios, nas travessas, nas ruelas dos arredores, se abriga a vida popular de outrora, recuando passo a passo” (p.164).

Ao analisarmos a segunda categoria do grupo focal vimos que as “lembranças de experiência pessoal” não estão presentes da mesma forma nem com a mesma intensidade no discurso de todos os participantes do grupo. Na fala de Nelson, por exemplo, observamos que ele discursiviza suas experiências de maneira bem mais sintetizada e menos emotiva do que Miriam, que conta suas experiências muito mais detalhadamente do que ele.

“Eu sempre morei no centro de Niterói, morei uns 2 ou 3 anos no Barreto, mas voltei para Niterói, me casei, aí passei a morar no Fonseca. Em 53 eu casei e fui morar no Fonseca. Do Fonseca passei para alameda, mas a Alameda começou a ficar diferente. Aí eu procurei e agora to morando em Icaraí. Estou naquela parte de chegar na porta olhar assim –ah a parte mais linda de Niterói.(risos)”. (NELSON).

Tal objetividade no discurso, considerando a experiência prévia neste tema com a oficina de memória, é mais comum nas narrativas dos homens, que geralmente não expõem facilmente suas intimidades no grupo. Mas, aqui, essa objetividade vai além da questão da relação de gênero, pois notamos que se construiu uma relação de alunos-professor dentro deste grupo, aspecto trabalhado na quarta categoria de análise, na qual observamos a presença de uma projeção conjuntamente construída do “eu” de Nelson como professor, que, por sua vez, posiciona a mim e aos outros interlocutores como seus alunos.

Ao analisar as entrevistas individuais pude perceber muitas características da construção do discurso dos entrevistados durante a entrevista grupal, tais como o alinhamento de Nelson como professor em alguns momentos, e o de Miriam, na maioria das vezes, como filha, esposa e irmã, dando uma configuração bastante familiar a sua narrativa, como ocorreu também no grupo focal. No entanto, pude observar o surgimento de determinadas características ainda não evidenciadas anteriormente, como o enquadre clínico adotado na entrevista individual com Miriam e o enquadre de entrevista nitidamente empregado por Nelson. Pude perceber que o enquadre principal dado a cada uma das entrevistas norteou todo o processo de construção de memórias, e assim, inclusive, surgiram novas lembranças de acontecimentos antes não mencionados por eles, havendo até mesmo lembranças em comum, como foi o caso da tragédia do incêndio do circo em Niterói.

Ao trabalhar com a análise dos discursos dos idosos moradores de Niterói, foi possível entender a memória como um processo de (co)construção, percebida tanto na entrevista grupal como nas individuais, em que a interação entre entrevistador e entrevistado colabora para a construção do discurso e de lembranças. Assim, pude identificar, não a reconstrução de fatos através das lembranças, mas sim a recriação dos mesmos, assim como nos mostrou Halbwachs, ao falar da memória como algo construído coletivamente e atualizada no presente, ou seja, no momento que é “lembrada”, contada.

A riqueza e abrangência dos dados possibilitariam outros questionamentos e desdobramentos de pesquisas futuras, que transcendem o escopo deste trabalho. A lembrança acerca do incêndio do Gran Circus, trazida por Nelson e Miriam, como vimos no terceiro capítulo, é um exemplo de memória subterrânea²¹ que, sem sombra de dúvida, suscita uma maior investigação. Outra possibilidade de pesquisa é referente às memórias relacionadas a Revolta da Cantareira, brevemente abordada no segundo capítulo deste trabalho, e a

²¹ POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, número 03. 1989.

insatisfação da população de Niterói com as obras realizadas na cidade, principalmente no que se refere ao trânsito e à construção civil.

Para finalizar gostaria de demonstrar a satisfação de ter alcançado os objetivos iniciais desta pesquisa e vários outros que surgiram durante a realização da mesma. Este estudo permitiu a aproximação de áreas do conhecimento por mim, até então, desconhecidas, principalmente as relacionadas ao aporte teórico utilizado nas análises das entrevistas individuais e grupal, a sociolinguística interacional. Assim, espero que este trabalho contribua de alguma forma para todas as pessoas envolvidas no mesmo, e que sirva de inspiração para leitores que desejam investigar, assim como eu, as memórias silenciadas por detrás das novas fachadas e modernas edificações das cidades, dando voz àqueles que já não encontram mais caminhos na atual sociedade para contar, (re)lembrar e (re)viver.

BIBLIOGRAFÍA

ALVARENGA, Maria Carmem; VENANCIO, Beatriz Pinto. Programa de Extensão UFF Espaço Avançado: participação e cidadania. Niterói, 2005.

BAPTISTA, Karina Cunha. O Diálogo dos tempos: história, memória e identidade nos depoimentos orais de descendentes de escravos brasileiros. Niterói, LABHOI, Primeiros Escritos, Nº11 –março de 2003. Disponível em:

<< www.historia.uff.br/labhoi/modules/rmdp/uploads/Sep06I876dyik_pe11-2.pdf >>

BARROS, Myriam M. Lins de. Autoridade e afeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Estudos Históricos, 2, 1989.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. Calidoscópio, Vol. 3, Nº2, p. 74-87. UNISINOS, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. 2º Ed. São Paulo, Brasiliense, 1985 - p.197-221 (Obras Escolhidas, Volume 1).

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3º ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. Memória da Cidade: Lembranças Paulistanas. Estudos Avançados, 17,(47),2003.

BAUER, Martin W & ARTS, Bas. A construção do corpus de pesquisa. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. *Petrópolis*, RJ: Vozes, 39-63, 2004.

BATESON, G. Uma Teoria Sobre Brincadeira e Fantasia. Em B. T. Ribeiro e P. Garcez (orgs.), Sociolinguística Interacional. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do discurso. São Paulo, Loyola, 85-105, 2002.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo, Cortez, 1991.

COLOGNESE, S.A & MÉLO, J.L.B. A técnica de entrevista na pesquisa social. Cadernos de sociologia, Porto Alegre, v.9, p.143-159.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. EU, CELINA, COMERCIÁRIA: UMA HISTÓRIA DE VIDA, EXPERIÊNCIA E POBREZA. X Encontro Regional de História – ANPUH - RJ. Histórias e Biografias – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

COULTHARD, Carmem Rosa Caldas; A Estrutura Narrativa e a Construção do Suspense. In: RIBEIRO, Branca Telles; COULTHARD, Carmem Rosa Caldas; BASTOS, Liliana Cabral; QUENTAL, Lúcia; PAREDES SILVA, Vera. Quatro interpretações de uma narrativa. Revista Palavra Nº 3. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1996. p. 43-77.

DAMASCENO, Tatiana Sylvestre. Relato sobre a oficina de memória com o tema Cidade, do dia 03/07/2006, extraído do Diário de Campo, 2006.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Lins de Barros, Myriam (org). Velhice ou Terceira Idade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DESLANDES, S.F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs). Usos e abusos da história Oral. Rio de Janeiro. FGV, 1998.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: Lins de Barros, Myriam (org). Velhice ou Terceira Idade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FLICK, U. Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa. 2.ed. Porto Alegre: Bookman,2004.

GASKEL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. *Petrópolis*, RJ: Vozes, 64-89, 2004.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. *Petrópolis*, RJ: Vozes, 244-270, 2004.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.). Sociolinguística Interacional. 2.ed.rev.e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. Cap. 5.

GONDAR, Jô e DODEBEL, Vera (org). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, M. On Collective Memory.Chicago: The University of Chicago Press, 1992. ed: COSER, L. A. (ps 1-34).

MISHLER, Elliot. G. Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. IN: LOPES, Luiz; BASTOS, Liliana. Identidade. Recortes multi e interdisciplinares.Campinas. Mercado das Letras. 2002.

MONTEIRO, Gilson. Niterói tem maior IDH do RJ e terceiro do país. Publicado em 1 de Outubro de 2008 no jornal “O Globo”. Disponível em: http://oglobo.globo.com/rio/bairros/gilson/post.asp?t=niteroi_tem_maior_idh_do_rj_terceiro_do_pais&cod_Post=129736&a=380

MUNIZ, Maria Izabel. “Niterói é segunda em qualidade de vida”. Publicado em 11 de Abril de 2006 no jornal “O Fluminense Online”. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/noticias/46651.asp?pStrLink=2,76,27,46651&IndSeguro=0>

MUXEL, Anne. Individu et mémoire familiale. Paris: Nathan/VUEF, 2002. Tradução realizada por Beatriz Pinto Venancio, para fins didáticos, utilizada em aula ministrada para o curso de Mestrado em Política Social, DSSN, UFF.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a história de vida. *Serv. Soc. Rev. Londrina* v. 2 n. 1 p. 1-153 jul./dez. 1999 p. 32-43.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: Lins de Barros, Myriam (org). *Velhice ou Terceira Idade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade Urbana , número 7 - 2007, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, mis en ligne le 5 janvier 2007, référence du 19 août 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document3212.html>.

PIMENTA, Ricardo. Entre os retalhos do trabalho esquecido: narrativa, memória e história de trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro. *Cidade Nova Revista*, n.1, Rio de Janeiro, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2007, p. 69-81

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, número 03. 1989, p.3-15.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, número 10. 1992/1.

SÁ, Renata Amaral de. Memória e Cidade: A Reconstituição de uma História. In: IX Encontro Nacional de História Oral, 2008, São Leopoldo - RS. Anais do IX Encontro Nacional de História Oral, 2008.

SÁ, Renata Amaral de. Velhos tempos outros espaços: um estudo em torno da memória social da cidade de Niterói. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense. Orientador: Beatriz Pinto Venancio.

SÁ, Renata Amaral de. Relato sobre a oficina de memória com o tema Cidade, do dia 03/07/2006 ,extraído do Diário de Campo, 2006.

RIESSMAN, C.K. Narrative Methods for the Human Sciences. London: Sage, 2008.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. O Homem sem qualidades: História Oral, Memória e modos de subjetivação. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 2, N. 2, 2º Semestre de 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, nº 38. São Paulo. Oct. 1998.

SANTOS, Myriam Sepúlveda. Memória coletiva e Teoria Social. São Paulo: Annablume, 2003.

SELLTIZ et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo, EPU, 1965.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Os desafios contemporâneos da História Oral 1996. Capinas, Centro de Memória - UNICAMP, 1997.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Modos de inscrição das práticas cotidianas na memória coletiva e individual. In: ZACCUR, Edwges (ONG). A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DPGA: SEPE, 1999.

VENANCIO, Beatriz Pinto. Teatro de lembranças. Registro cênico-dramatúrgico da memória. 2004. Tese (Doutorado em Teatro) Programa de Pós-Graduação em Teatro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO, 2004.

VENANCIO, Beatriz Pinto e ALVARENGA, Maria Carmen (Orgs). Oficinas de Memória: teoria e prática. Rio de Janeiro, EDUFF, prelo, 2008.

VENANCIO, Beatriz Pinto. Registro Cênico de Memórias de Velhos. Interações – Cultura e Comunidade/ V.1, Nº 1, 2006.

WEHRS, Carlos. Niterói Cidade Sorriso; história de um lugar. Apresentação de Charles Julius Dunlop. Rio de Janeiro, 1984.

INTERNET. “Niterói completa 435 anos neste sábado”. Publicado em 22 de Novembro de 2008. Do G1, no Rio, com informações da TV Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,MUL872200-5606,00.html>

Site da PNUD: Tabelas de ranking do IDH-M, disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php>

<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1561566-5606,00->

[HA+AO+MENOS+SOTERRADOS+NO+MORRO+DO+BUMBA+DIZ+SUBSECRETARIO+DE+DEFESA+CIVIL.html](http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1561566-5606,00-HA+AO+MENOS+SOTERRADOS+NO+MORRO+DO+BUMBA+DIZ+SUBSECRETARIO+DE+DEFESA+CIVIL.html)

ANEXOS

Tópicos da entrevista individual:

INFÂNCIA

Onde você nasceu?
Como era seu bairro?
O que fazia pra se divertir na infância?
Você estudava?
Como e onde ficava sua escola?
Como você ia pra escola?
Você tem religião?
Você e sua família freqüentavam alguma igreja?
Onde e como era sua igreja nesta época?
Ela ainda existe hoje em dia?

JUVENTUDE

O que você fazia durante sua adolescência?
Você já trabalhava?
Onde? Como era o trabalho?
O que você fazia pra se divertir?
Tinha namorado?
Geralmente aonde vocês iam juntos pra namorar?

CASAMENTO

Você é casada?
Onde você se casou?
Onde foi morar depois de casa?
Como era o local?
Você teve filhos?
Nasceram em Niterói mesmo?
Você já se mudou alguma vez?
Em que lugares você já morou?
Como estava a cidade nesta época?
Era muito diferente da época em que você era criança?
O que você acha que mudou?

ATUALIDADE

E hoje?
Onde você mora?
Há quanto tempo?
Como é o seu bairro?
Como você vê a cidade de Niterói hoje?
O que você costuma fazer hoje em Niterói para se divertir?
Que locais você freqüenta?
Você ainda trabalha?
Fale um pouco da sua vida na cidade nos dias atuais.

OPINIÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE

No decorrer do tempo você considera que Niterói sofreu mudanças?

O que você acha que provocou isso?

Foram mudanças somente físicas, estruturais, ou mudou também a vida e os hábitos dos moradores?

Como as pessoas se comportavam na época da sua infância e adolescência?

E a parte física, você teria algum exemplo de coisas que antes existiam na cidade e hoje já não existem mais?

Se você pudesse reconstruir alguma coisa o que seria e por quê?

O que você pensa sobre os avanços e progressos?

Tem algo na cidade hoje que você considera que precisa ser mudado?

Você gosta de morar em Niterói?

Tem mais alguma coisa que você lembra e gostaria de acrescentar no seu relato?

Tópicos da entrevista em grupo: TEMA: NITERÓI

INFÂNCIA

Como era Niterói na época da infância de vocês?

Como eram as casas e os bairros?

Falem sobre a escola.

Onde vocês brincavam?

JUVENTUDE

O que faziam durante a mocidade?

Que locais freqüentavam?

Vocês iam ao cinema, teatro, bailes?

Onde costumavam namorar?

Que meios de transportes havia e quais geralmente vocês utilizavam?

E a região oceânica da cidade como era?

Alguém aqui gostava de ir a praia?

Alguém chegou a conhecer o trampolim de Icaraf?

O que houve com ele?

E o cassino?

CARNAVAL

Onde ocorriam os bailes de carnaval?

Como era?

Parecia com os de hoje em dia?

Tinha desfiles nas ruas?

Como eram as escolas de samba?

CASAMENTO

Alguém aqui se casou na igreja?

Tiveram festa?

Como eram as igrejas?

Tem alguma que não existe mais hoje em dia?

Como eram as festas de casamento, eram em clubes?

E o nascimento dos filhos? Eram em hospitais?

Como eram os hospitais de Niterói naquela época?

MODERNIDADE E PROGRESSO

Vocês acham que Niterói sofreu muitas mudanças?

Falem de coisas que mudaram em Niterói.

O que vocês pensam sobre a construção da ponte Rio-Niterói?

E a inauguração do Plazza Shopping, alguém foi?

Como vocês vêm a cidade hoje em dia?